



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Zeyla Victoria Conceição Brandão Duarte

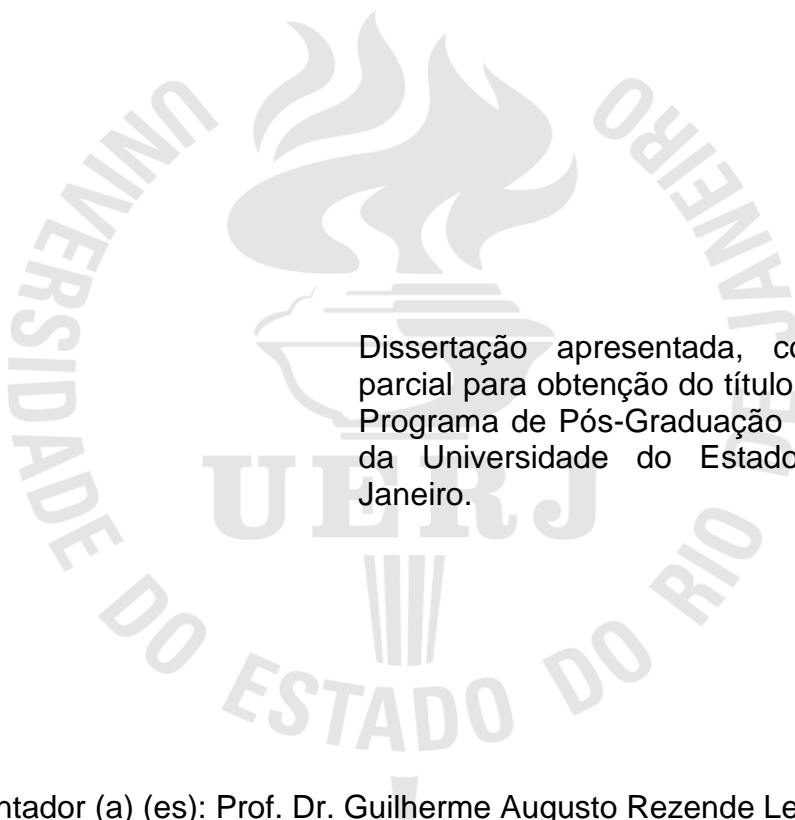
A Rosa do Povo 2020-2021: um tempo entre parênteses

Rio de Janeiro

2023

Zeyla Victoria Conceição Brandão Duarte

A Rosa do Povo 2020-2021: um tempo entre parênteses



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador (a) (es): Prof. Dr. Guilherme Augusto Rezende Lemos

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

D812 Duarte, Zeyla Victoria Conceição Brandão.
A Rosa do Povo 2020-2021: um tempo entre parênteses / Zeyla
Victoria Conceição Brandão. – 2023.
93 f.

Orientador: Guilherme Augusto Rezende Lemos.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Currículos – Teses. 3. Pandemia – Teses.
I. Amado, Luiz Antonio Saléh. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Zeyla Victoria Conceição Brandão Duarte

A Rosa do Povo 2020-2021: um tempo entre parênteses

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 07 de dezembro de 2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Guilherme Augusto Rezende Lemos (Orientador)
Faculdade de Educação – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Fernandes de Macedo
Faculdade de Educação – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Paulo de Tássio Borges da Silva
Programa de Pós-graduação em Ensino – UFSB

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os educadores, especialmente aqueles da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Apesar do pouco reconhecimento público e das formas indescritíveis de perda e luto individual ou coletivo causado pela pandemia, esses profissionais se reinventaram e não perderam a força para continuar. Além disso, dedico este trabalho à memória do meu amado pai, Reginaldo Conceição (1958 – 2020). Seu amor, exemplo e sabedoria continuam a inspirar meu caminho. Mesmo na ausência física, sua presença permanece viva e se reflete em cada palavra desta dissertação de mestrado. Foi o que permaneceu dele em mim, que me encorajou a seguir em frente nesta jornada em busca da poesia que é o conhecimento. Que este trabalho seja também uma homenagem ao homem extraordinário que ele foi.

AGRADECIMENTOS

São relevantes motivos para expressar gratidão e diversas pessoas a quem agradecer. Afinal, ao realizar qualquer ação, por menor que seja nunca o fazemos de forma isolada. É possível imaginar a riqueza que se estabelece na construção de uma dissertação de mestrado, todas as contribuições e apoios que recebi ao longo desse percurso.

Durante esse processo, inúmeras vozes dialogaram comigo por meio de leituras, encontros, aulas e exemplos observados. No entanto, gostaria de começar expressando minha gratidão a Deus, pois acredito que conduzir esta pesquisa foi um presente, uma oportunidade que Ele confiou a mim, e que eu agarrei com dedicação e paixão.

À minha família, aos que vieram antes de mim, incluindo meus avós e tios, assim como aos meus primos, em especial à prima Rebeca, agradeço pela relação de irmandade estabelecida desde a infância, a qual enriquece a minha jornada de vida. Expresso minha gratidão à minha mãe, Rosemary, que me cobre com seu amor por meio de suas orações, e aos meus irmãos, Zeilane e Reginaldo Jr., por estarmos sempre unidos e compartilharmos não apenas os momentos bons, mas, sobretudo, os difíceis. Ter pessoas que dividem as lutas e as vitórias ao longo de nossa trajetória é uma dádiva que valorizo profundamente.

Ao meu marido, Raphael, por seu constante apoio e preocupação em criar um ambiente propício para que eu conseguisse escrever. Dedico à minha filha Raphaela, que, apesar de ser pequena em estatura, demonstrou a grandeza de seu interior ao perceber a importância do que sua mãe estava fazendo. Por compreender que, em muitos momentos, eu não poderia dedicar-lhe a atenção que merecia.

A toda equipe da Escola Municipal Rosa do Povo, expresso minha gratidão pela aprendizagem adquirida durante os momentos vívidos nesta instituição, assim como pelos laços de amizades mantidas. Agradeço também à gestão e aos professores da Escola Municipal Professora Dídya Machado Fortes, que me acolheram com tanto entusiasmo.

Aos colegas do grupo de pesquisa, por todos os compartilhamentos. Aprendi muito ao me dedicar a ouvir atentamente as diferentes vozes que enriqueceram nossas discussões. Gostaria de destacar minha parceira de grupo de pesquisa,

Flavia Magalhães, pela virtude de se doar aos outros de forma espontânea e plena. Agradeço por dedicar-me seu tempo, sua energia, conhecimento, apoio e amizade.

Aos professores do programa, pela generosidade em compartilhar conosco a sabedoria que adquiriram ao longo do tempo e por provocar em mim tanto encantamento através da docência, renovando minha esperança e o desejo de avançar rumo ao imprevisível.

Por fim, sou profundamente grata ao meu estimado orientador, Guilherme Lemos. Nos momentos em que me senti muito fragilizada devido à dor intensa causada pela perda inesperada do meu pai, seu olhar criterioso enxergou meu potencial e me aceitou no grupo de pesquisa. Seu apoio restaurou meu ânimo que estava abalado, portanto, palavras não são suficientes para expressar minha gratidão. Além disso, sou grata por suas valiosas contribuições, por me guiar nesse itinerário repleto de desafios e imprevistos com paciência, respeito e maestria.

A todos, muito obrigada.

Por muito tempo achei que a ausência é
falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada,
aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações
alegres,
porque a ausência, essa ausência
assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Andrade (2015 p. 21).¹

¹ Poema "Ausência", por Carlos Drummond Andrade no livro "Corpo".

RESUMO

DUARTE, Zeyla Victoria Conceição Brandão. *A Rosa do povo 2020 - 2021: um tempo entre parênteses*. 2023. 93 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta pesquisa apresenta um convite à aproximação entre dois “períodos de exceção” que ocorrem em épocas diferentes da história. Refiro-me ao pós-Segunda Guerra Mundial, durante o qual o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu seu livro "A Rosa do Povo", e o período da pandemia de COVID-19, que afetou o mundo recentemente. A expressão "um tempo entre parênteses" sugere que 2020-2021 foi como um intervalo singular na rotina habitual da escola, marcada por mudanças significativas em suas operações, métodos de ensino e interações sociais. O estudo investiga o currículo escolar vivenciado durante esse período através da escrita autobiográfica não narcísica (Pinar, 2007), em que poesia, docência e experiências de vida se entrelaçam neste esforço de reconstruir a memória. Realizada por uma educadora que, em meio ao luto individual e coletivo, utiliza o “método Currere” (Pinar, 2007), composto por quatro fases: regressiva, progressiva, analítica e sintética, costura fragmentos de memória, documentos e notícias da época, permitindo perceber a associação da noção de currículo escolar como planejamento do futuro (Lemos, 2017), como antídoto para o medo do futuro incerto, que está intimamente ligado aos mesmos medos da incerteza do futuro vívido durante a pandemia. Identificando que embora a pandemia tenha passado, ela também deixou o medo da defasagem produzida e essa preocupação na escola pública carioca é agravada pela concepção de educação pragmática que assola nosso país, criando um círculo vicioso produzido pelo neoliberalismo: o medo do passado ao qual não se quer voltar, o medo do presente que não se quer viver e o medo do futuro, que é pura incerteza. Com o exercício de transitar pelo passado, presente e futuro, o imprevisto (Lemos, 2017) revela-se como produto do processo de aprendizagem evidenciando a inépcia de projetar o currículo como planejamento futuro. Com o passar do tempo, as restrições impostas pela pandemia chega ao fim. No entanto, não houve mudança nas almas das pessoas, vimos a violência e a desigualdade aumentarem. Nesse contexto, a substituição do conceito de individualismo por interdependência acionado por Butler (2022), que ficou em evidência durante a pandemia, surge como uma possível chave de inteligibilidade para promover uma sociedade mais igualitária e por intermédio da “conversação complexa” que o currículo como Currere convoca a todos os educadores a praticarem (Pinar, 2007), poderia não apenas influenciar o currículo escolar, mas também contribuir para transformações na esfera social. Por que não?

Palavras-chave: Autobiografia. Currículo. Pandemia.

ABSTRACT

DUARTE, Zeyla Victoria Conceição Brandão. *The People's Rose 2020 - 2021: a time in parentheses*. 2023. 93 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023

This research presents an invitation to bring together two “periods of exception” that occur at different times in history. I am referring to the post-Second World War period, during which the poet Carlos Drummond de Andrade wrote his book "A Rosa do Povo", and the period of the COVID-19 pandemic, which recently affected the world. The expression "a time in parentheses" suggests that 2020-2021 was like a unique break in the school's usual routine, marked by significant changes in its operations, teaching methods, and social interactions. The study investigates the school curriculum experienced during this period through non-narcissistic autobiographical writing (Pinar, 2007), in which poetry, teaching and life experiences are intertwined in this effort to reconstruct memory. Carried out by an educator who, in the midst of individual and collective mourning, uses the “Currere method” (Pinar, 2007), composed of four phases: regressive, progressive, analytical and synthetic, stitching together fragments of memory, documents and news of the time, allowing us to perceive the association of the notion of school curriculum with planning for the future (Lemos, 2017), as an antidote to the fear of an uncertain future, which is closely linked to the same fears of the uncertainty of the future experienced during the pandemic. Identifying that although the pandemic has passed, it also left the fear of the gap produced and this concern in Rio's public schools is aggravated by the concept of pragmatic education that plagues our country, creating a vicious circle produced by neoliberalism: the fear of the past to which no if you want to return, the fear of the present that you don't want to live and the fear of the future, which is pure uncertainty. With the exercise of moving through the past, present and future, the unforeseen (Lemos, 2017) reveals itself as a product of the learning process, highlighting the ineptitude of designing the curriculum as future planning. As time passes, the restrictions imposed by the pandemic come to an end. However, there was no change in people's souls, we saw violence and inequality increase. In this context, the replacement of the concept of individualism with interdependence triggered by Butler (2022), which became evident during the pandemic, appears as a possible key to intelligibility to promote a more egalitarian society and through the “complex conversation” that the curriculum as Currere calls on all educators to practice (Pinar, 2007), could not only influence the school curriculum, but also contribute to transformations in the social sphere. Why not?

Keywords: Autobiography. Curriculum. Pandemic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gáfico 1 –	Gráfico de evolução da Escola Municipal Rosa do Povo no IDEB	25
Figura 1 –	Atividades Remotas.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADR	Avaliações Diagnósticas em Rede
APPAl	Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CAEd	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação CAEd
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CME	Conselho Municipal de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
CRE	Coordenadoria Regionais de Educação
CREP-AT	Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro - Anísio Teixeira
GFCPR	Gerência de Formação Continuada do Professor Regente
GFPAE	Gerência de Fomento à Pesquisa e Avaliação Externa
GRA	Projeto de Gestão dos Resultados de Aprendizagem
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
MultiRio	Empresa Municipal de Múltiplos
NIAP	Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares
OBMEP	Olimpíadas Brasileira de Matemática
COM	Olimpíada Carioca de Matemática
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDE-Escola	Desenvolvimento da Escola
PPA	Projeto Pedagógico Anual
PPP	Projeto Político Pedagógico
ProPEd	Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Rio de Janeiro
PSE	Programa de Saúde na Escola
RJ	Rio de Janeiro
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SINPAS	Sistema Previdenciário de Assistência Social
SME	Secretaria Municipal de Educação
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância Secretaria de Saúde (SMS),

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÃO DO POEMA	12
1	A ESCOLA MUNICIPAL ROSA DO POVO	20
2	PROCURA DA POESIA	32
2.1	Experiência de virtualizar a escola	40
2.2	O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia	51
2.3	Convive com teus poemas antes de descrevê-los	55
2.4	Enfim a poesia?	57
3	O MEDO	623
	RESÍDUO - CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	84
	ANEXO A - Decreto nº3806 que cria a Escola Municipal Rosa do Povo em 27 de outubro de 1982.....	91
	ANEXO B – Publicação do Jornal do Brasil sobre a inauguração da Escola Municipal Rosa do Povo em 1982.....	93

INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÃO DO POEMA

*Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.
(Carlos Drummond de Andrade, 2000 p.191)*

Para introduzir o conteúdo desta pesquisa, é necessário fazer algumas considerações iniciais como a escolha por utilizar ao longo do texto trechos do livro “A Rosa do Povo”, publicado pelo renomado poeta Carlos Drummond de Andrade em 1945. Assim como, a opção de por nos títulos e subtítulos dos capítulos subsequentes a utilização do título e versos de alguns poemas encontrados no livro citado acima.

A escolha por estruturar o texto dessa forma é intencional, pois busco entrelaçar a obra, as poesias escritas por Carlos Drummond Andrade em um tempo de pós-guerra aos desafios vividos no período de pandemia e a minha escrita autobiográfica nos moldes do método *Currere* (Pinar, 2007).

A vida corria na velocidade que estávamos acostumados até que no último mês de 2019, surge um vírus incomum. Em março do ano seguinte percebemos que “No meio do caminho tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho”², essa pedra inesperada se revela como o grande imprevisto em escala global dos últimos anos: a pandemia provocada pelo Covid-19³.

Com o objetivo de lincar poesia, a minha vida vivida com o currículo escolar e vice-versa, escrever autobiograficamente sem estar completamente voltada para mim mesma, estando também comprometida com a esfera social, viso buscar indícios que fomentem a reflexão a cerca da minha pergunta investigativa: a educação escolar está preparada para os imprevistos? Caminho que trilho através da autobiografia baseada no método *currere* de Willian F. Pinar.

² O poema “ No Meio do Caminho” é uma das obras-primas do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade, publicados em 1928 na Revista de Antropofagia. Está disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/files/2016/08/NO-MEIO-DO-CAMINHO.pdf>

³ COVID significa Corona Vlrus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto “19” se refere a 2019, quando os primeiros casos foram divulgados.

Dito isso, desenvolverei algumas relações e farei outras considerações ao longo dessa introdução, esclarecendo sempre a conexão entre a obra literária e a pesquisa em questão.

A primeira delas é que o título do livro "A Rosa do Povo", utilizada também como título para esta pesquisa, é o nome dado à escola municipal situada no bairro Jacarepaguá⁴, inaugurada em 26 de outubro de 1982. Naquela época, o prefeito da cidade, Júlio Coutinho, tendo como justificativa o propósito de homenagear o grande poeta Carlos Drummond Andrade, quando completou oitenta anos de idade, de acordo com o Decreto nº 3806⁵, cria a escola e a batiza com esse nome.

Esse espaço público de práticas educativas foi o local de muitas experiências vivenciadas, durante os dois primeiros anos após a chegada impetuosa da pandemia, por consequência da disseminação do Covid-19 no Brasil e no mundo. E é nesse cenário da Escola Municipal Rosa do Povo, seja de forma física ou virtual, que a pesquisa se desenvolve.

A segunda consideração é que em 1945 o mundo sofria os efeitos da Segunda Guerra Mundial e aqui no Brasil estabelecia-se um tempo ditatorial conhecido como "Era Vargas", portanto, o poeta Carlos Drummond Andrade estava vivenciando um momento atravessado por duras questões sociais, políticas e econômicas durante a publicação da obra literária.

O contexto de exceção do período da pandemia e da publicação da obra "Drummondiana" que nomeia a escola, onde trabalhei como professora do terceiro ano do Ensino fundamental durante os anos de 2020 e 2021 constroem o mote autobiográfico dessa dissertação. Poesia, docência e vida vivida se irmanam nesse trabalho de reconstrução da memória.

A terceira consideração é a proximidade com o estilo de escrita escolhida pelo poeta para produzir sua obra: *A Rosa do Povo*. Nela ele utiliza alguns recursos característicos da autobiografia, presente em muitas de suas produções, como

⁴ De acordo com o decreto nº 3806, publicado no diário oficial de 26 de outubro de 1982, o Art. 1º, decretou que ficava criada na rede oficial de estabelecimentos de ensino de 1º grau do Município do Rio de Janeiro, sob a jurisdição do E-15º Distrito de Educação e Cultura, do Departamento-Geral de Educação, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a ESCOLA MUNICIPAL ROSA DO POVO, com a sede em lote designado no PAL 36.742, em Jacarepaguá – XVI Região Administrativa.

⁵ O decreto nº 3806 consta anexado ao final do texto.

afirma o próprio Drummond ao responder uma entrevista ao Jornal de Letras em março de 1955:⁶

Sinto-me um pouco sem assunto todas as vezes que alguém me pede para contar minha vida. Por dois motivos: primeiro, porque minha vida é realmente pobre de acontecimentos, do ponto de vista da história de quadrinhos, da biografia política ou pitoresca; segundo, porque o que há nela de assunto já está contado tão claramente em meus livros, que não sobra nada para a conversa. Se sobrasse, não deixaria de aproveitá-lo para mais alguns versinhos... Minha poesia é autobiográfica (Drummond, 1955, *apud* Salvá; Driedrich, 2020).

O recurso autobiográfico que utilizo nesta dissertação é aquele pensado por Willian Pinar, na época do processo de reconceptualização curricular americana, que nomeou de método *currere*, que desdobrarei mais a frente, nas seguintes etapas: regressiva, que marca essa volta ao passado; progressiva, direcionada ao futuro; a analítica, exame no tempo presente dos acontecimentos elencados do passado e, finalmente, na síntese, após passar pelas três fases, um momento de maior interiorização, revela-se os resíduos que ficaram.

Também levo em consideração que a autobiografia é uma prática pedagógica e política, (Pinar, 2007, p.70), sendo necessária uma escrita comprometida comigo mesma, com os alunos, com os colegas profissionais da educação, mantendo em vista a tentativa de reconstrução da esfera pública e aceitando que o futuro é imprevisível.

Enquanto empiria, ao invés da coleta de dados, há o resgate de fragmentos de memórias recentes, ampliadas com as notícias locais e globais de jornais, além dos textos de normativas exaradas nos anos de 2020 e 2021, que aqui são apresentadas por meio da narrativa das experiências vividas.

Como afirmam Clandini e Connelly (2011, p. 48), a narrativa é a melhor forma de representar e entender a experiência. Trata-se de uma autobiografia com caráter acadêmico que busco compreender a minha vida, entrelaçada com os contextos social, cultural e político (Brunner, 1996, *apud* Pinar, 2007, p.66), em um momento de exceção.

Tomando como possibilidade que qualquer estudioso das experiências pedagógicas se coloca em situação biográfica (Pinar, 2007), situo-me em um contexto cultural e histórico singular que me permite, autobiograficamente, expressar-me.

⁶ Trecho retirado do site Instituto Ling, disponível em <https://institutoling.org.br/index.php/explore/a-poesia-autobiografica-de-carlos-drummond-de-andrade> acesso em: 12/12/2022

Em alguns momentos, como na apresentação da Escola Municipal Rosa do Povo, expressei-me de forma um pouco mais descritiva, pois estou apresentando e preciso descrever as características dela, trazendo informações que julgo pertinentes. Em outros momentos a minha escrita muda um pouco, o tom de distanciamento é substituído e é possível perceber uma escrita mais pessoal, como quando entro na temática relacionada ao luto.

Retomando a epígrafe desta introdução, considero o fato de Carlos Drummond de Andrade, nesse primeiro poema do livro, demonstrar seu comprometimento com uma forma de escrita não convencional, diferente daquela que limita e restringe a escrita poética.

E deixa isso explícito quando ele se recusa a ficar preso às palavras que rimam, como “sono” e “outono”. Por outro lado, afirma que rimará a palavra “sono”, “com a palavra carne / ou qualquer outra, que todas me convêm” (Andrade, 2000, p.9), mostrando o seu empenho em realizar uma escrita poética mais livre, que amplia as possibilidades de criação de significados e que apresenta um conteúdo comprometido com o cotidiano da época testemunhada por ele.

Nessa viagem literária junto a Drummond, em que as palavras não precisam se encaixar em estruturas rígidas de métricas sonoras para a construção poética, ousou pensar que a forma de sua escrita é coerente com a linha pós-estrutural, itinerário em que a pesquisa também se desdobra.

Considerando a educação escolar como uma possibilidade mais existencial e estética, Jorge Larrosa (2002) nos convida a pensá-la a partir do conceito das palavras experiência e sentido, tendo em vista que as palavras produzem sentido e realidades. Nós nos pensamos a partir de palavras, dando sentido ao que somos e ao que nos acontece. Portanto, “nomear o que fazemos em educação”, “não é apenas uma questão terminológica” (LARROSA. 2002 p. 21), mas sim lutas por significados, controle, imposição ou o cancelamento de algo. É algo que ultrapassa as próprias palavras Larrosa (2002 p. 21).

Ao longo da publicação de 1945, o poeta denuncia as injustiças do seu tempo, colocando em evidência alguns problemas sociais e culturais não solucionados até os dias de hoje. Com o intuito de refletir sobre as lembranças das minhas experiências pessoais e contextualizá-las com os fatos públicos sociais e políticos ocorridos durante a pandemia, este estudo segue consoante à linha de

pensamento de Drummond que fazia da sua arte instrumento de reflexão com e para a sociedade.

O primeiro capítulo é dedicado à apresentação da Escola Municipal Rosa do Povo, uma breve explanação quanto a sua inauguração, alguns fatos ocorridos que se destacaram ao longo dos seus 41 anos de existência, algumas características qualitativas, dados administrativos. Informações importantes para dar suporte ao desenvolvimento da pesquisa.

No segundo capítulo, após tornar conhecida a escola, e “montar o cenário do palco”, onde a pesquisa é desenvolvida, início a primeira fase do método Currere: regressiva. Nesse momento eu narro a experiência de fechar a escola, experiência de virtualizar a escola e como foi o retorno ao presencial antes do fim da pandemia. Eu costuro fragmentos de memória e amplio com textos informativos de jornais digitais da época, artigos científicos, normativas de nível federal e municipal.

Porém, diferente da escrita poética, não tenho a intenção de tornar esse texto uma obra artística, mas sim de construir um itinerário autobiográfico não narcísico, sem romantizar os dilemas do presente ou projetar um futuro utópico.

Compondo o terceiro capítulo do texto as fases progressiva e analítica do método Currere se interlaçaram harmonicamente para embasar a construção de sentido em torno da ideia de medo, que se destacou durante a investigação.

O fenômeno da pandemia, que nos permitiu “reconhecer que passamos a outras pessoas o ar que respiramos que compartilhamos as superfícies do mundo e que não podemos tocar sem sentir o toque” (Butler, 2022, p.42), traz essa percepção do mundo à luz da permeabilidade, da interdependência que temos uns dos outros e com o meio ambiente.

“Que mundo é esse?” é a pergunta que Judith Butler (2022) se faz frente a tragédia que nos acometeu, onde foi possível observar milhões de mortes sem direito ao luto em todo o mundo. Vidas que não foram enlutadas, que não tiveram acesso adequado à saúde, segurança, educação. O que me leva a abordar o tema do luto, relacionando-o tanto ao meu próprio luto quanto seu caráter político, relacionando com a imprevisibilidade e a incapacidade de projetar um futuro.

Portanto este estudo tem como objetivo específico à teorização da experiência vivida, embasada no método *currere* (Pinar, 2007), onde a história de vida impacta o currículo e vice-versa. Não aprendemos a ser os professores que tivemos que ser durante a pandemia, portanto, foi necessário pensar também as

relações entre imprevisto e educação, pois “o produto do aprendizado nunca é igual, é sempre imprevisto” (Lemos, 2017, p.3).

Segundo Lemos (2019, p. 50)

O imprevisto é da ordem do inseguro, daquilo que não se pode nem segurar, nem assegurar. O imprevisto é a alma do jogo, é a possibilidade de quem corre o risco, de quem se arrisca no jogo, é a condição precípua de quem joga. Por mais que se conheçam as regras de um jogo, por mais que se tenha destreza no jogar, o imprevisto é a única segurança de um jogo; o que se pode garantir àquele que entra em um jogo é que o imprevisto se fará presente.

No jogo da sala de aula, seja ela física ou virtual tudo depende das circunstâncias, o que o torna imprevisível. A sala de aula se constitui da ação de diversos agentes: alunos, professoras, recursos digitais; onde qualquer coisa ou acontecimento pode causar grande impacto, como, por exemplo, a presença ou não da conectividade com a rede de internet.

Neste estudo, busco apresentar análises que contribuam para a discussão sobre a capacidade - ou incapacidade - do atual sistema educacional em lidar com o imprevisto, que é uma característica inerente ao processo de aprendizagem. A estrutura normativa e econômica do sistema, que prioriza o futuro em detrimento do presente, é um dos fatores que serão contemplados na análise.

Nas considerações finais, apresento uma síntese relatando a experiência de ser outra diferente de mim e o que restou desse tempo entre Parênteses.

Entretanto há mais considerações quanto ao método *Currere* que julgo serem importantes para a introdução dessa construção.

Criado por Willian Pinar, “*Currere*” significa percorrer o caminho, permitindo, através da autobiografia, compreender a contribuição das histórias de vida de cada um, para com os estudos acadêmicos e vice-versa, e como ambos estão interligados na sociedade, na política e na cultura (Pinar, 2007).

Nessa perspectiva, o professor precisa enxergar o seu tempo e ser capaz de propor coisas para ele. Desse modo, pretendo percorrer o caminho da escrita dessa dissertação repensando como o imprevisto da pandemia impactou a educação, as influências das ações políticas e curriculares, a sociedade durante esses dois anos atípicos, a partir da minha perspectiva.

O método *currere* é composto por quatro momentos: o regressivo, o progressivo, analítico e o sintético. Eles sugerem um movimento temporal e cognitivo para o estudo autobiográfico da experiência pedagógica, que torna possível perceber os conceitos desenvolvidos ao longo do tempo.

No momento regressivo, busco identificar no passado as vivências mais relevantes como a minha experiência de fechar, virtualizar a escola, entre outras, pois os dados vividos ampliam-se para além da própria existência em direção as histórias locais ou globais, visando a localização do pensante em seu momento vivido como nos lembra Guilherme Lemos (2014, p.7). Nessa fase utilizo, além da memória, alguns documentos normativos, notícias de jornais da época, investigados como recursos para a contextualização.

Assim como o passado, o futuro também influencia o presente. Como praticante do método Currere, de forma criativa, imagino futuros possíveis isso não significa formular fantasias ou utopias, mas a tentativa de inscrever minhas posições sem ser submissa aos políticos e aos pais, Pinar (2007).

Esse é o momento progressivo, que apresenta duas abordagens e vem a ser, ambas, utilizadas: estilística e temática. Com a abordagem temática, exploro tema relacionado ao futuro, compreendendo que, ao imaginar o futuro, ele se torna presente. E o tema do medo também relacionado ao futuro que através da teoria busco a “esperança de dissolver o que nos bloqueia ao mover para frente, em direção a um futuro ainda não presente” (PINAR, 2007, P. 202).

Já a estilística, “pode-se perturbar a sonolência da linealidade, tal como um hipertexto [...] podem ser o uso de ficção e de poesia – lembram o trabalho do sonho, apoiando a simultaneidade [...] estamos na esfera de ação diferida e descolada”, recorro a experimentação da escrita estilística, apresentando não apenas informações mas em alguns momentos deixando transparecer também minhas emoções.

Neste momento, relaciono o tema do luto, que me atravessa além do sentimento individual de profunda tristeza, mas como um ato político e como ele pode reverberar na sociedade e como a educação e o currículo podem ser utilizados como instrumentos de resignificação e valorização, onde todas as vidas merecem serem vividas.

Na fase analítica, o presente é descrito com a intenção de responder tanto ao passado quanto ao futuro. Essa etapa consiste em buscar espaços de interpretação e liberdade capazes de transformar ou recriar as proposições futuras no presente. É uma conversação complexa que ocorre comigo mesma, baseada nos dados obtidos durante a fase regressiva e nas proposições da fase progressiva, a fim de desvendar os pontos que impedem que uma reflexão progrida para a próxima. Conforme

Lemos (2014, p.7), trata-se de um processo que visa desocultar esses pontos e permitir o avanço da reflexão.

Já o momento sintético, após passar pelas três fases, é de maior introspecção, tornando intelecto, emoção e comportamento indissociáveis do corpo. Ligando o subjetivo ao social e vice-versa. Aqui sintetizarei com a experiência de me tornar outra diferente de mim.

E através da conversação complexa consigo próprio, numa atitude de autocompreensão contínua, forma-se no professor a marca do intelectual privado, que não deve nunca separar-se da ação pedagógica comprometida com a reconstrução da esfera pública, reconceituando o currículo de objetivos em uma versão singular, na primeira pessoa, da cultura e da história, personificadas no indivíduo concretamente existente na sociedade e num período histórico, nesse sentido as disciplinas escolares constituir-se-iam numa mescla de assuntos acadêmicos e humanos (Lemos 2014, p.7).

De acordo com William Pinar, é essencial que todo professor seja um intelectual tanto na esfera privada quanto na pública, ou seja, um indivíduo pensante, atuante e influente na comunidade. Para ele, a prática educativa é profundamente política, não devendo ser subjugada às exigências da economia vigente. Em sua visão, a educação é uma oportunidade, não um serviço, e vai muito além do ensino de conteúdos, disciplina e notas altas em avaliações. No entanto, Pinar também considera a erudição um aspecto importante da formação docente. (Pinar, 2007 p. 22).

Uma das principais ideias que orientam o proposto por Pinar é inspirado na Fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty, que se apropriou de maneira original do que Edmund Husserl iniciou em relação à descrição das experiências e das operações da consciência. Ele considera que a abertura ao mundo se dá primeiro pelo corpo e seu entorno, enquanto lugar de onde se vive e experimenta o mundo. Aborda o corpo como vivido, corpo dotado de consciência, tal que não está separado do corpo, o corpo e a consciência são apenas um.

Portanto, é a partir da consciência gerada em mim através da percepção do mundo, captada pela minha materialidade corpórea durante minha experiência como professora na escola pública, que descrevo os significados produzidos durante a pesquisa. Sem a intenção de apresentar respostas absolutas, mas sim de criar possibilidades para expandir a discussão sobre o currículo vivido na educação escolar.

1 A ESCOLA MUNICIPAL ROSA DO POVO

A rosa do povo despetala-se, ou ainda conserva o pudor da alva?

É um anúncio, um chamado, uma esperança embora frágeis, pranto infantil no berço? Talvez apenas um ai de seresta, quem sabe. Mas há um ouvido mais fino que escuta um peito de artista que incha, e uma rosa se abre, um segredo comunica-se, o poeta anunciou o poeta, nas trevas, anunciou.

(Carlos Drummond Andrade, 2000 p.191)⁷

Este trecho pode ser interpretado de diversas maneiras, no entanto, compreendo que o poeta está refletindo sobre a fragilidade da vida e sobre a incerteza do futuro. Ele questiona se a "rosa do povo" - símbolo de esperança - ainda conserva sua inocência ou se já foi corrompida. Em meio a essa incerteza, o poeta vê uma esperança frágil, mas que ainda é capaz de emocionar e inspirar. Acredito que, apesar de todas as dificuldades e incertezas, para ele ainda seria possível encontrar um caminho para a beleza, e que cabe aos artistas e poetas anunciarem-na, mesmo nas idiossincrasias do mundo. Em suma, o trecho pode ser visto como um chamado à resistência e à esperança diante das adversidades da vida.

As dificuldades e incertezas reverberam na segunda fase do modernismo, durante um período difícil no mundo, devido ao terror do nazismo da Segunda Guerra Mundial e no Brasil a Ditadura militar e a tirania da Era Vargas. Reforço que nesse livro, *A Rosa do Povo*, o poeta demonstra através de sua escrita o seu posicionamento crítico e engajado politicamente. Interessado em defender o direito à vida, pois produziu uma obra que denunciava as injustiças sociais principalmente as geradas pela guerra e a ditadura militar. De forma poética e política, apresenta um registro de sua época que continua atraindo atenção pelo seu caráter atual, como no caso da outra Rosa do Povo – escola- que descreverei nos dias que correm.

⁷ Trecho selecionado do poema "Mário de Andrade desce aos infernos" do livro *A Rosa do Povo* do poeta Carlos Drummond Andrade.

Analisar as nuances de "A Rosa do Povo" nos permite vislumbrar dois eventos que impactam as perspectivas de mundo em diferentes tempos e espaços: um sentido de mundo afetado pelas consequências da guerra, outro oprimido por um governo autoritário e associá-los a um terceiro mundo onde a escola está submersa em uma catástrofe sanitária. Esses eventos servem como exemplos de "diferentes sentidos de mundo que se sucedem no tempo ou que são, supostamente, distribuídos no espaço ao redor do planeta" (Wittgenstein, 1999, *apud* Butler, 2022, p.45). Em outras palavras, isso demonstra que os significados atribuídos ao mundo podem ser diversos e que não há apenas um sentido único que conecta todos os seres humanos.

Embora o foco dessa pesquisa não seja o período da Segunda Guerra Mundial ou a Era Vargas, eles introduzem a ideia da impossibilidade de mundo comum a todos e o conceito de mundo diferente de planeta (Butler, 2022). Dentro do planeta Terra, "talvez seja mais adequado dizer que há muitos e sobrepostos mundos, pois a maioria dos recursos não é igualmente partilhada" (Butler, 2022, p.26). Eu testemunhei a vulnerabilidade, na Escola Municipal Rosa do Povo, junto aos meus alunos que não tinham subsídios básicos para acompanhar as aulas, durante o isolamento social que a pandemia exigiu.

Essa tragédia pandêmica é algo que "é mostrado como uma feição do mundo e não como efeito da nossa percepção. Esse algo afeta nossa percepção em geral, e talvez mesmo, de um jeito irreversível, nossa percepção de mundo" (Butler 2022 p.46). Nessa linha de pensamento, me interessa aprofundar e relacionar a escola e o mundo, ambos imersos na catástrofe sanitária.

Entretanto, antes de chegar à fase analítica e problematizar *que mundo é esse?* Mundo bipartido no qual a escola está inserida, onde seus atores estão em constante processo de constituição e que, paralelamente, está criando significados para ele, e que permite uma pandemia assim ser possível de acontecer. Eu farei a apresentação dessa unidade escolar, fazendo uma digressão ao passado desde a sua inauguração, a fase imediatamente anterior ao início da pandemia e suas características específicas até os dias atuais.

A Escola Municipal Rosa do Povo, octogentésima décima quinta da rede municipal do Rio de Janeiro, assim como nos versos de Drummond, também possui uma história de superação e renovação. Sua construção, dentro do terreno de um conjunto habitacional, foi realizada pela Cooperativa do Sistema Previdenciário de

Assistência Social (SINPAS)⁸, com um investimento de cem milhões de Cruzeiros, projetada para atender principalmente as crianças desse conjunto habitacional, construído para os servidores do SINPAS.

Ainda no início de sua existência, enfrentou desafios, incluindo rumores sobre o uso eleitoral de sua inauguração, cuja obra foi apressada antes de ser oficialmente doada à Prefeitura do Rio de Janeiro. Na época, o Prefeito Júlio Coutinho justificou que “isso é só uma formalidade e devemos atender já as duas mil crianças que se mudaram para cá e devem concluir o ano letivo”, quando questionado em relação ao fato dos prédios ainda não terem o habite-se, ele concluiu dizendo apenas que “Isso é paralelo à instalação da escola”. O ilustre homenageado não esteve presente, porém a cerimônia de inauguração contou com a presença dos Secretários de Educação, Obras e Saúde, bem como de diversos candidatos às eleições, conforme mencionado em um artigo da época, publicado no Jornal do Brasil⁹.

Pouco tempo após sua inauguração, em 1982, a Escola Municipal Rosa do Povo, construída para atender as crianças do Conjunto Habitacional Mirante da Taquara, passou a acolher alunos oriundos de diversas pequenas comunidades do entorno: Invasão, Cabeça de Porco, Rabo de Porco, Morro do Jordão, Morro do Pica-Pau e Mangueirinha.

De acordo com a reportagem intitulada *A gentileza venceu a violência na E.M. Rosa do Povo*¹⁰, publicada no site da Empresa Municipal de Múltiplos (MultiRio) ¹¹, ainda “no início dos anos 2000, era uma das escolas de mais fraco desempenho da Sétima Coordenadoria Regionais de Educação (CRE),¹² com frequentes incidentes violentos” (Pimentel, 2017), além de uma taxa elevada de reprovações, alunos sem voz, professores que demonstravam insatisfação e uma gestão ineficiente.

⁸ SINPAS equivale a um Sistema Previdenciário de Assistência Social, a partir desse trecho será utilizada somente a sigla.

⁹ O artigo do Jornal do Brasil foi copiado do site Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> . O documento com o recorte do jornal segue anexo.

¹⁰ A reportagem “A gentileza venceu a violência na E.M. Rosa do Povo” está disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/12449-a-gentileza-venceu-a-viol%C3%Aancia-na-e-m-rosa-do-povo>

¹¹ Destaco que Empresa Municipal de Múltiplos (MultiRio) é vinculada à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e que a partir de então será referida apenas pela sigla.

¹² Destaco que Sétima Coordenadoria Regional de Educação (7ª CRE), a partir de então será referida apenas pela sigla.

Por isso ela “havia se transformado em uma unidade de passagem, ou seja, onde o aluno só ficava até conseguir uma vaga em outro lugar”, como lembrou a diretora Márcia Elizabeth Nunes da Matta Vicente, que assumiu esse desafio a partir de 2008 e permanece até os dias atuais. “Aliás, foi por causa de um desses episódios – em 2008, quando o carro de um professor foi incendiado no estacionamento da escola – que ela foi convocada para comandar a unidade, em meio a uma série de outras medidas da 7ª CRE”, de acordo com a entrevista dada ao site da MultiRio (Pimentel, 2017).

Conforme a entrevista citada acima, a escola “passou por fases difíceis de violência até chegar as atuais características de bom desempenho”. Essa ideia de desempenho mensurável apareceu nos anos 90 com a criação de um Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica e, em 2007, do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)¹³ que estabelece uma combinação entre o desempenho escolar dos estudantes, tanto em nível municipal quanto estadual, e as informações sobre a progressão dos alunos ao longo do tempo. Essa métrica passa a ser utilizada como um indicador de qualidade da educação básica, além de influenciar na disponibilidade de apoio técnico e financeiro por parte do Ministério da Educação (Lopes e Macedo, 2021).¹⁴

Tendo em vista esse contexto de desempenho da escola, a diretora Márcia Elisabeth, ao responder a mesma entrevista, afirma que “uma de suas primeiras providências foi a de promover assembleias com os alunos para que eles tivessem um canal de expressão e exposição de suas demandas”, onde as principais críticas foram direcionadas ao formato das aulas e à maneira como eram tratados. Já em relação aos docentes ela complementou “Mesmo diante da resistência, os docentes também foram ouvidos. Aliás, também tiveram que aprender a ouvir e lidar com as diferenças, já que, no início, alguns não queriam escutar outros com pensamentos divergentes dos seus” (Pimentel, 2017).

¹³ Destaco que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que a partir de então será referido pela sigla, foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. Informação disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb> acessada em 09/06/2023.

¹⁴ Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592021000102001

Após essas ações apresentadas, tendo em vista os relatos da diretora da escola em relação ao desenvolvimento das aprendizagens, da autoestima e de sadias relações interpessoais destaco esse trecho da mesma entrevista:

As tensas relações humanas na E.M. Rosa do Povo começaram a se dissipar quando a direção da escola levou a cabo o projeto Gentileza Gera Gentileza. Inúmeras atividades foram desenvolvidas para aumentar a autoestima dos alunos, como mostra de dança, desfile cívico, passeios culturais etc. A mostra de talentos contou, inclusive, com a participação ativa dos professores, que protagonizaram oficinas de massagem, maquiagem e várias outras fora de sua área de atuação profissional (a regra assim exigia), o que permitiu um contato diferente do habitual com os alunos (Pimentel, 2017).

Além disso, foi estabelecido o hábito de promover encontros semanais com o corpo docente, com o intuito de discutir diagnósticos e estabelecer planos de ação. Os resultados desses esforços refletiram em uma notável melhoria na disciplina e no desempenho dos alunos, conforme relatou a diretora Márcia Elizabeth, que concluiu afirmando: "em 2015, o 6º ano experimental da escola obteve a primeira colocação nas provas de avaliação da Rede".

Ao longo dos anos, a Rosa do Povo tem se destacado ao elevar consistentemente seu desempenho escolar, evidenciando a determinação da equipe, em busca de estratégias pedagógicas diversificadas, para alcançar todos os alunos, como os reagrupamentos¹⁵ uma ou duas vezes semanais, de acordo com as etapas no processo de desenvolvimento das aprendizagens com o objetivo de fomentar o progresso de todas as crianças identificando as dificuldades e caminhando a partir delas.

Embora hoje eu não considere que esse desempenho, pautado em resultados estatísticos de avaliações externas, consiga mensurar as aprendizagens dos nossos estudantes, porque deixam de fora aspectos intersubjetivos da aprendizagem, o que é excluído na descrição da realidade que tais estatísticas pretendem apresentar e que, por isso, é preciso ter cautela na utilização desses dados como atentam Lopes e Macedo (2021).¹⁶

¹⁵ O reagrupamento é uma estratégia adotada pela escola para dinamizar as turmas em diferentes níveis de aprendizagens. Dentro de uma turma ou seguimento os alunos podem ser reagrupados em níveis correlatos de aprendizagem ou em grupos em níveis distintos de aprendizagem. Essa estratégia é usada com diversas metodologias ativas como gameficação e aprendizagem para a resolução de problemas.

¹⁶ Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592021000102001

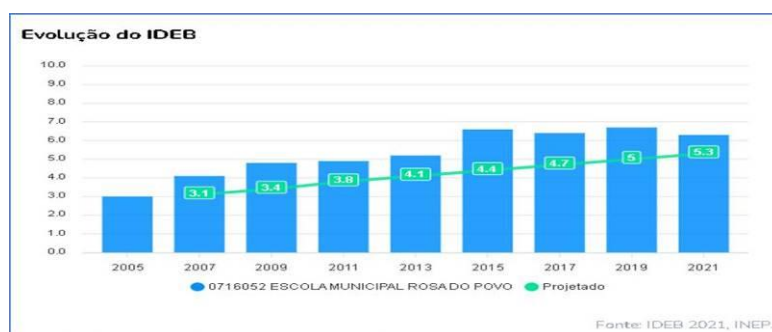
Entretanto, oficialmente, o desempenho é legitimado pelo IDEB, que é uma política pública que produz um indicador nacional, que permite que a população acompanhe e avalie a educação com base em “dados concretos”, fornecendo uma ferramenta para o estímulo da sociedade em busca de melhorias.

Para calcular o IDEB são considerados dois fatores principais: a taxa de aprovação dos estudantes, que é coletada anualmente e as médias de desempenho nas avaliações de Língua Portuguesa e Matemática, aferidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

A cada dois anos, nos anos ímpares, os alunos matriculados no 5º e 9º ano do Ensino Fundamental em escolas públicas são submetidos a um exame padronizado realizado pelo Ministério da Educação (MEC). Até 2018, esse exame era conhecido como Prova Brasil. A partir de 2019, foi renomeado para Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)¹⁷, que existe desde os anos noventa e agora engloba um conjunto de avaliações abrangendo a Educação Básica.

A Escola Municipal Rosa do Povo nos primeiros anos da sua participação nas estimativas em larga escala, como política pública nacional, obteve 3,0 como resultado no IDEB. Com o passar do tempo, a escola progrediu constantemente, superando as metas pretendidas. Em 2019, alcançou um resultado de 6,7 no IDEB, superando a meta projetada de 5,0. Mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia, em 2021, a escola continuou apresentando um desempenho positivo, conforme indicado pela análise do IDEB, obtendo um índice de 6,3, enquanto a meta estabelecida era de 5,3 como apresentam o gráfico:

Gráfico 1- Gráfico de evolução da Escola Municipal Rosa do Povo no IDEB



Fonte: O gráfico foi retirado da página virtual QEdU que é, um projeto idealizado pela Meritt e pela Fundação Lemann. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/33078335-0716052-escola-municipal-rosa-do-povo/IDEB>

¹⁷ O SAEB é um sistema de avaliação. A partir de 2021, o Saeb passa a ser aplicado anualmente, contemplando os alunos desde o segundo ano do Ensino Fundamental. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/reformulacao-de-saeb-e-enem-e-tema-de-webinario> Acessado em 08/06/2023.

Como ilustrado nos gráficos, em 2021 a escola se manteve em um cenário de superação das metas propostas. E esse resultado refere-se a um período de retorno parcial ao formato presencial e híbrido, ainda em meio a tantas infecções e mortes provocadas pela Covid-19. Essas verificações contribuíram para tornar a vida dos alunos, seus familiares, professores e funcionários da educação pública, mais vivíveis? (Butler, 2019).

Os gráficos são capazes de quantificar todas as experiências significativas que moldam cada uma dessas crianças que passaram por essa forma de avaliação, especialmente durante um período de transição e esperança em relação ao fim da pandemia? As emoções, as perdas, as limitações e as superações vivenciadas por elas, em relação aos outros e ao mundo, foram levadas em conta nesse contexto? Todas essas experiências que fazem parte da vida das crianças e, portanto, integram o processo de aprendizagem, foram consideradas curriculares? Essas questões serão apuradas no próximo capítulo.

As avaliações externas estimulam a criação de um único sentido de escola, utilizando uma estrutura política que busca reduzir a escola a um mero local de pragmatismo, cujo objetivo é transmitir conteúdos mínimos a partir de currículos centralizados e pré-determinados, em um determinado tempo.

Essas estatísticas revelam que a escola vem ultrapassando as metas, entretanto podem não retratar possíveis pontos que requerem soluções, daí se a escola focar sua intervenção baseada apenas nos resultados estatísticos da avaliação, não é a educação generalizada que entra em crise, mas a educação da escola, em particular, que passar a ser subsidiada apenas por esse modelo (Lopes, Macedo, 2021).¹⁸

Para melhorar seu desempenho nas provas externas, a escola contou, além do que já foi apresentado, com o esforço pessoal dos atores que compõem a escola, mas também recorreu a um incentivo do Governo Federal, o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE-Escola),¹⁹ que tinha como prioridade, para o

¹⁸ Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-0592021000102001

¹⁹ O Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE-Escola) é uma ferramenta gerencial que auxilia a escola a realizar melhor o seu trabalho: focalizar sua energia, assegurar que sua equipe trabalhe para atingir os mesmos objetivos e avaliar e adequar sua direção em resposta a um ambiente em constante mudança. Informação disponível em: <http://portal.mec.gov.br/acompanhamento-da->

Ministério da Educação²⁰ (MEC), contribuir com assistência técnica e financeira às escolas públicas municipais e estaduais consideradas prioritárias. O critério de escolha dessas escolas tem como base no IDEB de 2007: IDEB até 3,0 para anos iniciais e até 2,8 para anos finais. O Programa também disponibilizava recursos financeiros para a formação continuada dos professores em serviço.

Considero que o esforço da gestão escolar, na implantação de uma organização mais sistêmica e pragmática, com o objetivo de se tornar uma escola de referência para a comunidade, baseando-se em indicadores de desempenho, obteve a adesão da comunidade escolar. Houve um alinhamento na visão da equipe, que acredita nessa perspectiva como a possibilidade de alcançar uma educação de "qualidade". Essa crença nesses elementos de práticas prescritivas é um diferencial que projeta positivamente, de acordo com essa lógica de mensuração, a unidade escolar em um cenário de escala nacional até os dias de hoje.

Por muitos anos, também fui convencida por essa lógica dominante de pensamento, afinal, estamos imersos nessa racionalidade governamental e no modo de vida mercadológico, baseado em custo-benefício. Acredito que a falta de oportunidades para problematizar essas questões, seja com os colegas de trabalho, centros de estudos ou conselhos, dentro e fora da escola, seja em formações continuadas para professores, contribui para essa situação. Foi somente após iniciar minha pós-graduação e realizar minhas primeiras leituras sobre a Biopolítica de Foucault que comecei a ampliar meu olhar nesse tocante.

Uma frase que frequentemente circula entre os professores é que “esses resultados fornecem respaldo ao nosso trabalho”. Além disso, existe um sistema de acordo de resultados que utiliza essas avaliações para premiar os profissionais da escola com um 14^o salário. Isso acaba mexendo com a vaidade dentro da escola e estimulando a competitividade entre as instituições de ensino. No entanto, essa mentalidade não se restringe apenas aos profissionais da educação, pois os responsáveis pelos alunos também demonstram satisfação ao matriculá-los em uma escola com um bom desempenho. Estamos todos imersos nessa forma mercadológica de pensar o mundo e a escola, porém, pode ser *um ai de seresta*,

frequencia-escolar/137-programas-e-acoes-1921564125/pde-plano-de-desenvolvimento-da-educacao-102000926/176-apresentacao . Acesso em: 07/06/2023.

²⁰ O Ministério da Educação (MEC), órgão da administração federal direta, tem como áreas de competência a política nacional de educação disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=32681:apresentacao> Acesso em: 07/06/2023.

quem sabe, mas novos sentidos para a educação estão surgindo e a rosa se abre, como os versos da epígrafe desse capítulo, trazendo a esperança com as perspectivas de mundos que estão em constante processo de transformação.

O fato é que o interesse pela escola aumentou, pois além das pequenas comunidades já citadas, a Rosa do Povo atende a população dos bairros: Taquara, Curicica, Tanque e Cidade de Deus, em turno único, e oferece atendimento às crianças da Educação Infantil até o sexto ano Carioca²¹.

A constituição familiar dos alunos, de acordo com os dados²² pesquisados e apresentados no último Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, é composta por mais de 50% dos alunos vivendo com o pai e com a mãe, e a minoria, equivalente a 2%, vive só com o pai. As moradias agregam uma média de quatro a sete pessoas, 80% dessas famílias possuem apenas uma fonte de renda e 75% possuem uma receita de até um salário-mínimo. Cento e onze famílias dos alunos são beneficiadas pelo Programa Social Bolsa Família e muitas famílias recebem também cestas básicas, oferecidas pelos templos religiosos da localidade.

Dentro das comunidades onde mora grande parte das famílias há carência social e de rendimentos, dificuldade em acesso à educação. 5% dos pais são analfabetos, 18% possui ensino médio completo e apenas 2% com ensino superior completo ou em fase de conclusão. O cotidiano das crianças se divide entre o tempo que estão na escola, a casa, nas praças ou nas ruas ao entorno. Para muitas delas as refeições principais são realizadas e oferecidas no tempo em que estão na escola.

No início de 2020, o Currículo da escola, proposto pela Secretaria Municipal de Educação, passou por atualizações significativas sendo aprovado pela Deliberação nº 37 E/CME, em 28 de janeiro de 2020, sob a gestão do Prefeito Marcelo Crivella, que foi intitulado "Currículo Carioca" e desenvolvido para acompanhar as mudanças trazidas pela Base Nacional Comum Curricular, tendo sido rearticulado pela Deliberação E/CME n.º 42/2020 de 23/09/2020, com a proposição de uma Reorganização Curricular.

²¹ Projeto de iniciativa da SME busca oferecer atenção especial aos alunos na etapa de transição da infância para a adolescência. Para entender mais sobre o projeto sugiro o link disponível na internet: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/assista/tv/1165-sexto-ano-experimental>

²² Os dados desse parágrafo e do seguinte foram consultados no Projeto Político Pedagógico, documento que apresenta as particularidades da instituição e registra quais as propostas em relação às práticas educacionais e os objetivos que ela visa alcançar, abordando desde os aspectos administrativos até a grade curricular e que fica disponível na escola.

O Currículo Carioca, desenvolvido pela rede, passou por mais uma reorganização substancial com a tentativa de se ajustar ao inesperado tempo de isolamento social. Ele adotou um formato de Priorização Curricular, também alinhado com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa Priorização tinha como objetivo atender às necessidades de todas as crianças, em suas diversas vivências e adaptando-se às circunstâncias impostas pela pandemia. Diante desse desafio, cobrava-me e tentava formas de como colocar em prática os componentes básicos do ensino, em meio a uma situação tão complexa. No entanto, criar estratégias para manter o vínculo das crianças com a escola e recursos que permitissem às crianças um ambiente educativo mais acolhedor, ainda que virtual, era uma tentativa norteadora.

Fora dos percentuais, das curvas e gráficos, essa escola tem um significado afetivo especial para mim, à medida que começo a lembrar minha trajetória profissional e pessoal, até o momento presente, pois foi o cenário de fases marcantes em minha vida.

Defendo que a educação seja um processo de subjetivação que se dá com a diferença dentro da escola, tanto com o outro quanto com o próprio conhecimento, não dá para formatá-lo com uma gama de temas, conteúdos ou habilidades a serem ensinadas, adquiridas, avaliadas e colocadas em gráficos comparativos de desempenhos apenas, isso empobrece a concepção dos profissionais da educação e da sociedade do que seja currículo e do que seja a escola, tal como nos alerta a Professora Elizabeth Macedo:

[...] e o currículo que o projeto age como uma tecnologia de controle que sufoca a possibilidade de emergir a diferença. Não uma diferença específica que se estabelece entre dois ou mais idênticos, mas a diferença em si, o diferir que é próprio dos movimentos instituintes, das enunciações e da cultura (Macedo, 2013, p.736).

Não obstante, os profissionais da escola *Rosa do Povo* possuem um diferencial, que é a sua característica de construir projetos pedagógicos anuais da escola, de acordo com os interesses e necessidades apontados pela comunidade escolar e pelos alunos de forma colaborativa, considerando as aprendizagens e experiências que vão além das habilidades prescritivas, como parte do currículo.

Desse ponto de vista, vivenciar a escola, ensinando/aprendendo as habilidades determinadas e propondo outras possibilidades como a autobiográfica pode ser também um processo que permite ao professor, e ao próprio aluno,

perceber o quanto ele está se modificando, se diferenciando de si próprio e quais são os sentidos subjetivos que esses processos de aprendizagem têm para cada um. Servindo como objeto de análise do processo educativo não apenas as aprendizagens pautadas nas habilidades do Currículo Carioca, mas também os exames externos e outras experiências que fazem parte da escola, como os afetos, as memórias, as relações interpessoais e a alteridade.

Essa dissertação visa ser um contributo para que o bom desempenho da aprendizagem escolar, aferido através das provas externas, continue não sendo o objetivo central da experiência educativa na Escola Municipal Rosa do Povo e de nenhuma outra escola, pois é necessário considerar também o aspecto humano, social, emocional, cultural, entre outros, envolvendo distintas nuances que compõe vida.

Foi nesse local que presenciei vizinhos e parentes concluindo seus estudos, além de ter sido alocada após meu segundo concurso vinculado à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Também foi o lugar onde retornei para lecionar, após um período de aproximadamente um ano de afastamento, devido à minha licença maternidade e período de aleitamento.

Nessa escola, precisei aprender a confiar e deixar minha filha, ainda muito pequena, sob os cuidados de pessoas que eu ainda não conhecia, enquanto eu atendia as crianças de outros pais e mães, assim como eu.

Foi nesse espaço, mesmo que virtual, que tive que enfrentar pela primeira vez a angústia de perder alguém que amava, meu pai, e ainda assim, continuar a performance do meu papel social e profissional como professora dos anos iniciais do ensino fundamental. Era minha responsabilidade alfabetizar e ensinar habilidades básicas que eram propostas pela SME aos alunos, independente se eu passava por um luto ou não.

Essa escola é importante no meu itinerário de vida e formação, também desempenha um papel relevante para as crianças que nela estudam, funcionários, professores, gestores e muitos outros atores; “[...] nesse sentido, a escola se faz possível em processo autobiográfico em que a linguagem do servir se torna linguagem da experiência de subjetividades várias [...]” (Santos; Macedo, 2022, p.9).

Nesse contexto de isolamento social, os sentidos possíveis para o papel da Escola Municipal Rosa do Povo “[...] só aparecem na relação com o outro que os constitui e que perturba, também, nossa própria subjetivação” (Macedo; Santos,

2022, p.3), ainda que por vias tecnológicas e digitais. Ela é “essa evocação metafísica que todos os dias abre suas portas e acolhe o heterogêneo, persuade-nos de sua necessidade por promessas que não pode cumprir” (Lemos; Macedo, 2020, p.384).

Somente com o aparecimento da pandemia, comecei a questionar-me e me sentir incomodada quanto o meu próprio agir pedagógico, diante a tantas normativas tentando controlar e padronizar os processos de aprendizagem, em meio a tantos problemas sociais potencializados pela pandemia. Foi isso que me motivou a buscar novos conhecimentos e, após inúmeras leituras e trocas com o grupo de pesquisa, consegui ver que o grande equívoco que foi um dia acreditar que o currículo não era vivo (Pinar, 2007), pois, por mais que ele seja prescritivo, é impossível separá-lo do cotidiano e do que imprevisível.

Apesar das dificuldades, reafirmo o potencial da escola como espaço rico para o desenvolvimento pessoal e profissional, principalmente diante de momentos desafiadores. Nela trabalhei e vivi experiências inéditas junto à comunidade escolar, tanto no formato de ensino presencial, como no remoto e no híbrido. Busco através da memória reinventá-las e desenvolvê-las ao longo do texto.

É refletindo sobre essas vivências, entre erros e acertos, que se desdobra minha escrita, iluminada pelos fragmentos de minhas memórias e outras associações livres, como as folhas de planejamento, as aulas virtuais, as normativas e as notícias de jornais, além das pesquisas realizadas no Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro - Anísio Texeira (CREP-AT). Também contribuem para o desenvolvimento dessa pesquisa, que conta com o apoio bibliográfico de teóricos que atuaram e permanecem na área da educação ou da filosofia.

Após apresentar um pouco sobre a escola e as considerações para esse trabalho, no próximo capítulo, persigo a minha *Procura da Poesia*, continuando a regressão, buscando tecer os fragmentos das minhas memórias pessoais. Terei como guia a reflexão sobre a experiência de fechar a escola e a experiência de virtualizá-la e depois reabrí-la, considerando os fatos privados e os públicos ocorridos no contexto da Secretaria Municipal de Educação do Município do Rio de Janeiro, como as diretrizes educacionais e sanitárias que foram lançadas para o país durante o recorte temporal.

2 PROCURA DA POESIA

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
Não aquece nem ilumina.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra e te
pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave? (p.14)

Em "A Procura da Poesia", Carlos Drummond de Andrade revela o que é a poesia em seus versos. Ela não deve ser escrita a partir de acontecimentos, pois eles são fugazes, passageiros e do que resta são apenas lembranças que não configuram os fatos acontecidos. A poesia não é sentimento, não é vida nem morte, por exemplo. Ela é palavra. Para fazer poesia, é necessário dominar o universo das palavras e da linguagem. No último verso, o poeta convida o leitor a se aproximar e contemplar as palavras, reconhecendo que cada palavra tem muitas facetas e pode ser interpretada de várias maneiras. Ele questiona se o leitor trouxe a chave, sugerindo que a chave para entender a poesia está na própria percepção do indivíduo, que precisa estar aberto a múltiplas interpretações e significados.

Assim, começo a busca pelas minhas próprias palavras, dialogando com autores, notícias e as provocações do meu grupo de pesquisa, para compor este momento regressivo e registrar, por meio da narrativa, algumas passagens que vivenciei, recriadas pela memória que desejo trazer para essa "conversa complicada" (Pinar, 2007) comigo mesma, com o contexto histórico, político e social. Valorizando todo o processo e sem me focar em encontrar respostas, e sem perder de vista a problemática dessa investigação acerca da educação escolar diante do imprevisto.

Vasculhando e ficcionando minhas memórias, lembrei-me que foi vivenciando o cotidiano e a rotina na Escola Municipal Rosa do Povo que ouvi, na sala dos professores, os primeiros ruídos sobre uma gripe muito forte que havia iniciado na China, que estava se espalhando pelo globo e que, possivelmente, todas as escolas

e outros espaços com aglomeração de pessoas iriam precisar fechar por alguns dias.

Comentavam notícias como essa, publicada pelo site G1 de O Globo (2021):

Um homem de 61 anos se tornou a primeira vítima fatal de um surto misterioso de pneumonia viral na China, informaram, neste sábado (11), as autoridades de saúde da cidade de Wuhan. Outras sete pessoas estão em estado crítico em razão da infecção pelo vírus, que ainda não foi identificado.

As notícias como a escrita por Deutsche Welle²³. Começavam a circular com frequência, desde janeiro de 2020, alguns alertas nos canais de comunicação sobre uma pneumonia misteriosa que preocupava a China.

Tomamos, pois sinto que foi como uma ação coletiva, essa informação, à priori, como algo muito distante, talvez por isso não tenha trazido de imediato tanto alarde a população da Cidade Maravilhosa. Eu não tinha tanta clareza e interesse quanto à gravidade dos casos de pneumonia, que surgiram no final do ano de 2019, em Wuhan, e que havia um perigo iminente de se espalhar por todo planeta.

Não dei muita importância ao potencial catastrófico desse assunto que rondava os círculos de conversa e as mídias. Talvez tenha sido influenciada pelos discursos negacionistas ou por não acreditar que a escola, com toda a sua utilidade pública e social, poderia ser fechada, parecia algo muito fora da realidade. Hoje, ao refletir sobre isso, percebo o quanto subestimei a gravidade da situação.

Paralelamente a isso, na escola, nós nos preparávamos para a chegada do feriado de Carnaval, aguardando ansiosamente o dia em que os foliões sairiam para brincar nas ruas. Durante esse período, aproveitei os dias para descansar em casa e aproveitar o tempo com minha família. No dia 2 de março de 2021, uma manchete saiu no site oficial da Prefeitura do Rio: "Melhor carnaval de todos os tempos no Rio: mais de 10 milhões de foliões e alto índice de aprovação por parte dos turistas²⁴". No entanto, não demorou muito para que as consequências desse evento e a falta de políticas públicas, com medidas preventivas em relação a um vírus misterioso, comessem a surgir.

²³ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/11/china-tem-1a-morte-por-misteriosa-pneumonia-viral.ghtml>

²⁴ <https://prefeitura.rio/rio-acontece/melhor-carnaval-de-todos-os-tempos-no-rio-mais-de-10-milhoes-de-folhoes-e-alto-indice-de-aprovacao-por-turistas/>

Eu não sou supersticiosa, entretanto, foi numa sexta-feira 13 do mês de março que tranquei a porta da minha sala de aula, sem imaginar os dias sombrios que estavam por vir e que eu demoraria tanto tempo para voltar a abri-la.

E foi assim, de uma forma totalmente imprevisível, algo que eu nunca havia presenciado em minhas três décadas e meia de vida, e que conhecia – de longe apenas pela história da gripe espanhola nas aulas que tive de história, que fui gradualmente sendo inserida, com incredulidade, nessa nova realidade. Fui conduzida a aceitar a imprevisível tragédia que nos atingiu e agora me vejo revivendo esse período de incertezas, um tempo entre parênteses.

Colocar o tempo entre parênteses significa identificar, localizar e olhar de forma diferente do que está posto, ao me afastar dele, para revelar o presente com a recriação do passado. Observar-me no passado, criando possíveis respostas no presente. (Pinar, 2007)

Hoje é duro reconhecer, mas lembro-me que fiz uma piada com minhas colegas de trabalho, brincando que seria bom ter mais alguns dias em casa de folga. Foi assim que começou a minha experiência de fechamento das escolas, um misto de ignorância, por não buscar entender o que estava acontecendo e descrença na gravidade da situação, pois eu acreditava que a instituição escolar era muito importante para ser fechada. Muito influenciada na época, sem perceber, por uma racionalidade neoliberal alienante, eu pensava que isso teria um impacto na economia, na rotina das crianças, na dinâmica de trabalho dos responsáveis e afetaria toda a comunidade escolar e a organização social como um todo.

No entanto, no final desse mesmo dia, assisti a uma notícia na televisão informando que a Organização Mundial de Saúde (OMS) havia declarado a existência de uma pandemia iminente, com alto risco de propagação. Foi anunciado também que as aulas presenciais nas escolas públicas municipais seriam suspensas por uma semana, como publicado por Edmilson Ávila²⁵ G1:

As aulas nas redes pública e privada de ensino do Rio de Janeiro estão suspensas a partir da próxima segunda-feira (16). O Blog apurou que a paralisação nas escolas da Prefeitura do Rio vai durar pelo menos uma semana — é possível que se estenda até o fim de março. Essas unidades abrirão para o almoço das crianças nesse período. Os refeitórios atenderão os alunos das 11h às 13h. Já o governo do estado optou por parar o ano letivo por 15 dias. Na rede privada, a paralisação também deve ser por 15 dias. O objetivo da medida é reduzir a circulação de pessoas. A rede municipal tem 626 mil alunos; a estadual, 700 mil.

²⁵ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/blog/edimilson-avila/noticia/2020/03/13/municipio-do-rio-vai-suspender-aulas-na-rede-publica-semana-que-vem.ghtml>

Foi a partir disso que o Município do Rio de Janeiro regulamenta a lei federal 13.979²⁶ e decreta emergência²⁷, suspendendo as aulas a partir de 16 de março de 2020. Nesse momento deixamos as escolas vazias sem condições de prever os dias cinzentos de isolamento, de perdas, de luto, de luta e de resiliência que estavam por vir.

Comecei a ficar temerosa em relação a esse evento trágico que persistia “como um tipo de atmosfera na qual acontece uma destruição vigorosa e inevitável de um valor” (Scheler, 1954, p.182 *apud* Butler, 2022, p.54), pois “sob condições pandêmicas, os próprios elementos dos quais dependemos para viver carregam o potencial de tirar a vida: começamos a nos preocupar com o toque alheio, respirar o mesmo ar” (Butler, 2022, p.57). Com a perda desses dois valores: o toque e a respiração durante esses primeiros quinze dias, após o decreto de suspensão das aulas presenciais, percebi que estávamos diante de algo muito sério, a ponto de ser necessário fechar as escolas. O medo começou a se instalar em mim, não apenas por minha própria vida, mas também pela segurança da minha família, dos próximos, dos alunos, ou seja, de todas as pessoas que habitam o mundo.

E a noção da vulnerabilidade e das relações corporais de interdependência e entrelaçamento; onde “tocar outra pessoa consiste também na experiência de tocar a si” (Merleau-Ponty, 1968, *apud* Butler 2022 p.93); começou a ficar em evidência, já que respiramos o mesmo ar e tocamos as mesmas superfícies e, para evitar a contaminação, me vi tendo que agir de forma preventiva por mim, pelo o outro e vice versa, “a partir do fato de que somos pessoas responsáveis umas pelas outras, mesmo que não possamos nos ter como pessoalmente responsáveis por criar as condições e os instrumentos para ferir” (Butler, 2022, p.58).

As notícias de pessoas infectadas ao redor do mundo se multiplicavam, transformando-se em milhares de mortes na Itália, França e outros países. A televisão transmitia imagens aterrorizantes de covas sendo abertas, caminhões refrigerados transportando corpos, crematórios e enterros coletivos. Nesse contexto “a experiência de finitude é irmanada a um sentido agudo de desigualdade: quem morre cedo demais e por que, e para quem não existe uma promessa infra estrutural

²⁶ Lei Federal nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm>

²⁷ Decreto 47.263 de 17 de março de 2020
<https://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/61039DECRETO%2047263_2020.pdf>

ou social para a continuidade da vida?” (Butler, 2022 p.103). Refletir sobre tudo isso era apavorante, parecia o Armagedon, a batalha final entre o bem e o mal, o fim da vida na Terra.

Por várias vezes, pensei sobre a possibilidade da minha própria morte e o que aconteceria com minha filha na ausência de uma mãe. Antecipei o sofrimento diante do iminente risco de perder alguém próximo, alguém que eu amasse. Hoje eu amargo em afirmar que as minhas preocupações eram legítimas.

Durante esse período as paisagens se tornam mais duras de serem encaradas por mim, vou a encontro de lembranças de alguns dos meus maiores medos, porém é um processo necessário. Narro os fragmentos de memória que decerto preferia não ter, mas que trago comigo, faz parte de mim e que aflora diariamente o meu pensamento.

Considerando que todas as experiências dentro do espaço escolar ou fora contribuem para a formação subjetiva e profissional de professores em serviço, compartilho momentos agora da quarentena do isolamento que eu considero como “divisores de águas” em minha trajetória, pois me fizeram tomar decisões e posicionar-me frente aos novos desafios.

Confinada em meio às paredes da minha casa, a tela da televisão, do celular e do computador desempenhavam os papéis de janela para o mundo, mesmo com as paisagens a vista não sendo tão apreciativas. Nos veículos de comunicação só se informava sobre essa nova epidemia, suas múltiplas manifestações sintomáticas, os números de infectados e de casos fatais.

Lembro que as recomendações nesse período eram: quem pudesse ficasse em casa, só era para procurar ajuda médica em caso de sintomas como dor no peito ou falta de ar.

O meu pai²⁸, fazia uso de transporte público para se locomover pela cidade, se expôs ao risco de contaminação e sem comunicar a família, começou a sentir dores nas pernas, depois febre e dor no peito. Ele buscou atendimento em uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA 24h), o médico que o examinou disse que o

²⁸ Peço licença para apresentá-lo: Bombeiro Militar aposentado, serviu a população por mais de 30 anos, embora tendo apenas a educação básica, um “mestre” considerando a definição da palavra como “pessoa dotada de excepcional saber, competência, um indivíduo que ensina”, mas denominado no serviço militar como instrutor de salvamento em alturas, que durante os seus anos de atuação profissional ajudou a salvar inúmeras vidas e dividiu com seus alunos as suas experiências, talvez seja através do testemunho dele que tenha despertado em mim a inspiração para ser professora e assim contribuir também na construção das histórias de vida de muitos outros.

pulmão estava limpo e que ele poderia voltar para casa, entretanto o quadro só piorou.

Ele continuou guardando seu segredo até quando o visualizei caminhando pela rua já bastante fragilizado, meu coração acelerou só em imaginar que ele possivelmente havia se contaminado pelo vírus e que o pior poderia acontecer. Corremos para socorrê-lo e levamos para o Hospital do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro.

No dia seguinte, precisei ir onde meu pai estava internado, ainda não havia a confirmação de contaminação pelo novo vírus, nesse tempo não existia teste rápido, mesmo assim, assinei um termo de responsabilidade autorizando a ministração de Hidroxo Cloroquina. Eu assinei autorizando, com muita fé na possibilidade de recuperação, pois era o que o hospital estava recebendo naquele momento, era o protocolo para tratamento das pessoas com os sintomas de Covid-19.

Porém a má notícia chegou até mim, com o retorno do trabalho antecipado que meu esposo fez para me dar a notícia e ao mesmo tempo me amparar. A pós a notícia por alguns minutos perdi meus sentidos, fui tomada por uma dor, um mal-estar, fraqueza, uma sensação de quase desmaio que depois passou a raiva, impotência e indignação. Como aceitar que tão cedo meu pai se despedia da vida?

Mesmo recebendo os cuidados dos profissionais de saúde do Hospital Central Aristarcho Pessoa, do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), tendo acesso ao oxigênio, que lhe faltava aos pulmões, devido as complicações do Covid-19, por meio de técnicas de intubação, fazendo o tratamento recomendado naquele período com Hidróxido cloroquina, um destemido Bombeiro Militar que realizou diversos salvamentos onde vidas foram poupadas diante o seu ofício, mas que não teve tempo e a possibilidade de salvar-se desse mal: o desgoverno e a consequência deste.

Quando já havíamos ultrapassado a quantidade de vítimas fatais causadas por Covid-19 na China, que foi o país de origem, passando aqui a marca de 5 mil mortos no dia 28 de abril, dois dias após o discurso “E daí? ²⁹ Lamento. Quer que eu faça o quê?”, do presidente Jair Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; ‘Sou Messias, mas não faço milagre’, (Garcia; Gomes; Viana 2020), em 30 de abril o meu

²⁹ Por Gustavo Garcia, Pedro Henrique Gomes e Hamanda Viana, G1 — Brasília 28/04/2020 <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>

herói foi vencido, sem poder se despedir, nem mesmo um adeus acenado pela janela. Minhas últimas conversas com ele foi via mensagens de celular.

Caixão fechado? Sem palavras, homenagem ou despedida? E foi nesse cenário de muitas incertezas, insegurança e de medo alargado que mais uma vez fui impactada por algo que eu não desejava o risco de não poder velar o corpo do meu pai, passei por esse temor também, antes de seu sepultamento.

Passar por isso foi uma vivência difícil e dolorosa que nos modifica, como descreve (RODRIGUES, 2021, p. 194), “diante de uma perda irreparável e a sua consequente dor, não há alento possível, mas há profundas transformações na formação do eu”. Essa experiência de perda (desposseção) e luto marcou a minha vida pessoal e profissional definitivamente.

Encontro nesse trecho do poema *A flor e a náusea* de Carlos Drummond Andrade o verso que comunica o que sentia nesse momento, “Porém meu ódio é o melhor de mim. Com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima” (Andrade, 2020, p. 15). Não posso afirmar como o eu lírico que o ódio seja o melhor de mim, mas foi o combustível inicial para movimentar uma revolução que começou dentro de mim mesma, e que me motiva hoje a realizar essa pesquisa.

Experimentei, também como a autora Chimamanda Ngozi Adichie³⁰ como “o luto é uma forma cruel de aprendizado” (ADICHIE, 2021, p. 14). Aprendi que a dor da ausência de quem se ama dói tanto quanto uma dor física, que as palavras de pesar soam tão rasas e não cumprem o papel de consolo e conforto que desejam exprimir. Aprender a lidar com o medo de que mais alguém possa morrer é uma tarefa difícil em meio uma pandemia, por meses vivi o receio de atender ao telefone e ser surpreendida com más notícias (2021, p15).

Para completar esse cenário de dor, individual e coletivo onde outras famílias estavam passando pela mesma experiência, ainda foi preciso ter resiliência para suportar a permanência do desprezo e a indiferença do governo brasileiro pelas vidas perdidas e pela tristeza dos familiares e amigos que ficaram.

O desprezo foi expresso em diversas outras declarações públicas do presidente da república, como essas três que destaco: a primeira, declarada pelo presidente, em 29 de março de 2020, "como homem". "Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós vamos morrer um dia".

³⁰ “Notas sobre o luto” é um relato da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, após morte do pai em junho de 2020, durante a pandemia de Covid-19.

Já em 2 de junho, "A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo", dito após uma apoiadora sua pedir uma palavra de conforto para as famílias enlutadas após 31.199 mortes.

E a terceira, "Infelizmente, acho que quase todos vocês vão pegar um dia. Tem medo do quê? Enfrenta!". Todas republicadas por O Dia em 29/04/2021.

Os três discursos acima apresentam uma retrospectiva que ilustrava o desprezo do líder da nação brasileira, que tentou dar o entendimento que a contaminação com o vírus era algo inevitável, minimizou as perdas por ser algo da natureza humana e comum a todos, portanto todos deveriam enfrentar e seguir a vida com normalidade.

Entretanto, Carla Rodrigues, é mais uma vez assertiva: colabora com o pensamento onde

insistir na mera continuação da vida como se nada tivesse acontecido, como se a morte, por ser o destino natural da vida, não fosse também de uma brutalidade sem nome, é negar aos mortos o seu lugar na memória. Aos que se põe em trabalho de luto a morte assombra porque o luto também é um modo de aprender a viver com o que sobrevive, em nós, dos nossos mortos" (Rodrigues, 2021 p.17).

Foi nesse contexto, em meio ao luto, na tentativa de salvar-me a mim, do meu novo eu, diferente daquele anterior com o privilégio do convívio frequente com o meu pai, "pois quando perdemos alguém, nem sempre sabemos o que perdemos daquela pessoa, mas fazemos a experiência de nos tornarmos desconstruídos. E essa despossessão é uma maneira de politizar a perda e o luto". (Butler, 2013 *apud* Rodrigues 2021, p.73)

Diante desse cenário de mortandade, foram implementadas medidas de proteção, incluindo a proibição da livre circulação de pessoas, o uso obrigatório de máscaras e a higienização das mãos com álcool 70%. Além disso, o trabalho passou a ser realizado nas próprias residências, adotando o termo em inglês "*Home office*", que se tornou parte do nosso dia a dia. Com isso, iniciou-se a experiência de virtualizar a escola, revelando a desigualdade social e econômica que assola nosso país por séculos.

Com a apresentação desses fragmentos de memórias, começo a entender como o meu passado biográfico contribui e existe no meu presente, e isso não pode ser ignorado. A partir disso, sigo para compartilhar minhas experiências de

virtualizar a sala de aula em busca da poesia, bem como os significados que essa investigação me permitiu descobrir.

2.1 Experiência de virtualizar a escola

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa
justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas,
alucinações e espera.
[...]³¹

Quando relembro minha experiência de virtualizar a escola, percebo uma aproximação com o tempo histórico descrito pelo poeta Carlos Drummond (2000, p. 15). Ele escreve sobre a visão turva diante de tanta sujeira, uma sujeira que obscurecia a percepção e a consciência do sujeito, o próprio escritor. Ao observar e refletir sobre o tempo histórico e o contexto em que vivia, Drummond afirmava que seu tempo era de fato imundo, repleto de injustiças. Ele testemunhava os horrores da guerra, as câmaras de gás e os corpos amontoados em valas na Europa, bem como a violência e a repressão à liberdade de expressão no Brasil. Nesse estado de grande perturbação mental, ele buscava refúgio na espera, como forma de lidar com essa realidade angustiante.

Inspirada em Paulo Freire (1992), percebo que minha esperança não se baseava apenas no ato de espera como dos versos de Drummond, mas sim na ação de esperar: uma esperança ativa. Eu acreditava que com o incentivo à pesquisa e muito trabalho logo a ciência encontraria uma solução para conter a Covid-19 e com o apoio dos governantes atuando para que isso acontecesse de forma ágil, a educação não sofreria com o impacto de ficar muito tempo atendendo os discentes e as famílias remotamente e, assim, as crianças não perderiam o desejo de aprender com a escola.

No entanto, a resposta do Governo Federal do país foi o avesso, como publicado na revista internacional *Science*³² “uma combinação perigosa de inação e

³¹ Trecho de *A Flor e a Náusea*, Carlos Drummond Andrade em *A Rosa do Povo*, Editora Record 2000.

irregularidades, incluindo a promoção da cloroquina como tratamento, apesar da falta de evidências” (Castro *et al*, 2021). Onde essa impulsão de informações sem comprovações científicas difundidas por meios digitais e por veículos de divulgação em massa como “a televisão torna-se o hipertexto de uma civilização a vomitar sobre si mesma” (Pinar, 2007 p.230), como alerta o autor ao defender que a televisão tem a potência de estimular ou reprimir determinados tipos de conduta moral.

As irregularidades e a falta de ação tornaram mais demorada a espera por possíveis soluções e enquanto isso não acontecia, e devido à necessidade de prevenção e redução da probabilidade de contaminação pelo vírus, eu continuava esperando a possibilidade de agir, porém, no momento, só era permitido observar e vivenciar através das minhas diferentes janelas: as físicas, da minha casa; as mentais, da minha alma, e as janelas virtuais, os ecrãs, *um tempo que ainda não chegou de completa justiça*.

Com as telas: do celular, computador e televisão iniciei uma nova forma de me abrir ao diferente já que “ler, ver televisão [...] tudo requer uma certa abertura ao outro, um interesse em ser ocupado e transformado por sensação e intelecto” (Pinar, 2007 p. 231). Então através dos ecrãs pude abandonar a passividade e começar a agir.

Minhas primeiras ações realizadas de forma virtual consistiram em participar atentamente das reuniões pedagógicas, nas quais a equipe gestora da escola transmitia informações da Secretaria Municipal de Educação (SME), compartilhava atualizações sobre cursos que deveríamos fazer de formação para os professores, e orientava sobre as lives que deveríamos acompanhar.

Contudo, as atividades propostas pela SME se avolumaram quando entrou em vigor a deliberação E/CME nº 39³³, que estabeleceu diretrizes para as instituições do sistema municipal de ensino com relação às atividades escolares em regime especial domiciliar, devido ao período de isolamento social. Essa medida excepcional foi implementada visando garantir a continuidade do processo de aprendizagem dos estudantes. Como sustenta o artigo 1º, da E/CME nº39:

³² Publicado em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.abh1558#body-ref-R4> acessado em: 19/07/2023

³³ Deliberação CME Nº 39 DE 02/04/2020. Orienta as instituições do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro sobre a realização de atividades escolares em regime especial domiciliar, em caráter excepcional, no período em que permanecerem em isolamento social fixado pelas autoridades municipais e pela comunidade médico-científica, em razão da necessidade de prevenção e combate ao COVID-19 - Coronavírus. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=392540>

As instituições públicas, privadas e comunitárias que integram o Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro poderão organizar, em caráter excepcional, as atividades escolares, em regime especial domiciliar, contando com a participação de alunos e profissionais de educação, com base em seus Projetos Políticos Pedagógicos e Currículos estabelecidos pelas instituições.

Diante desse novo contexto, iniciou-se um movimento de reinvenção da prática pedagógica na escola pública. Nós nos empenhamos em encontrar a melhor estratégia para estabelecer contato, mesmo que virtual, com as crianças e suas famílias. Realizamos diversos experimentos, buscando compartilhar as atividades por meio de várias redes sociais, como grupos de *WhatsApp*, *Facebook*,³⁴ *blog*³⁵ e o *RioEduca*³⁶ em Casa que foi a plataforma oficial de ensino remoto *online* da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Além disso, estabelecemos uma parceria inicial com a plataforma *Microsoft Teams*.

No entanto, o tempo era curto para assimilar tantas informações tecnológicas novas, e não tínhamos garantia de que as famílias também conseguiriam lidar com essas novidades e manter um relacionamento virtual com a escola. Diante dessas circunstâncias, iniciamos o Ensino Remoto de forma improvisada, cheios de receio dos desafios que enfrentaríamos.

Durante a pandemia, o Ensino Remoto se tornou uma tentativa de oferecer atividades educacionais mediadas pelo uso de tecnologias, mantendo os princípios da educação presencial, mas agora à distância. Para mim, essa nomenclatura era totalmente nova e desconhecida. Estávamos todos: docentes, discentes, familiares e funcionários diante de uma experiência de vida e pedagógica inédita, tanto em relação ao enfrentamento de uma pandemia quanto à necessidade de nos familiarizarmos rapidamente com ferramentas e métodos de ensino e aprendizagem, baseados, principalmente, nas tecnologias digitais de informação e comunicação.

³⁴ A página do *Facebook* da escola não serve mais como suporte às atividades pedagógicas, porém ainda é utilizada nos dias atuais como veículo de divulgação das informações relacionadas aos eventos da escola e é possível ser acessada por esse link: <https://www.facebook.com/rosa.dopovo.1?mibextid=LQQJ4d>

³⁵ O *Blog* da escola criado emergencialmente durante o início da pandemia em 2020 pode ser acessado nesse link: <https://blogdarosadopovo.blogspot.com/>

³⁶ A plataforma *RioEduca em casa* trata-se de um projeto desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de promover e auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes durante o ensino remoto. Essa plataforma é composta por aulas ao vivo, conteúdos gravados e materiais didáticos ao alcance de alunos e professores sem custos através do aplicativo, na versão web os dados não eram patrocinados.

Confesso ter vivido um verdadeiro desafio - adaptar-me a essa nova realidade. Repensar minhas práticas, aprender a utilizar plataformas e recursos tecnológicos, e encontrar maneiras de manter o engajamento dos alunos mesmo à distância, lidar com as dificuldades técnicas e emocionais, e aprender a autogerenciar o tempo destinado ao trabalho e a vida pessoal, desinibir-me em um ambiente de aprendizagem virtual.

Considerando o desafio que enfrentávamos, a Secretaria Municipal de Educação adotou medidas para auxiliar nesse novo cenário. Além das atividades online, foram disponibilizados materiais pedagógicos impressos como o Material Didático Carioca, para as famílias que não tiverem acesso à internet ou computadores. Os digitais, o acesso eram possíveis através do aplicativo SME Carioca 2020³⁷ e o Material de Complementação Escolar³⁸, buscando seguir as diretrizes do Currículo Carioca³⁹.

Além disso, a Empresa Municipal de Múltiplos (MultRio) como as videoaulas Escola.Rio⁴⁰ e a Escola de Formação do Professor Carioca Paulo Freire também ofereceram produtos e serviços voltados para professores e alunos. No entanto, não obtive sequer um retorno dos meus alunos sobre a utilização desses recursos audiovisuais. Penso que diversos fatores, como acesso limitado à internet, falta de familiaridade com as ferramentas digitais ou até mesmo questões de motivação, podem ter influenciado a interação e o *feedback* dos alunos em relação aos recursos disponibilizados via mídia audiovisual.

O Ensino Remoto foi adotado como uma medida para enfrentar os desafios de acesso à educação escolar durante a pandemia na Rede Municipal do Rio de Janeiro. No entanto, devido à desigualdade social existente na cidade, que é uma questão anterior à pandemia, enfrentamos dificuldades em garantir a participação

³⁷ O aplicativo foi lançado dia 19 de março de 2020, no qual os estudantes poderiam acessar os materiais divididos por seguimentos pelo celular ou computador. Para usufruir desse recurso, era necessário fazer o download aplicativo SME Carioca 2020. No aplicativo, as aulas virtuais são divididas por segmentos onde os professores disponibilizam as atividades e conteúdos.

³⁸ Ainda é possível ter acesso ao Material de Complementação Escolar (MCE) utilizado no período de Ensino Remoto através do link: <http://www.multirio.rio.rj.gov.br/index.php/artigos/15605-3-ensino-fundamental>

³⁹ O currículo Carioca foi promulgado pela deliberação E/CME nº 37, de 28 de janeiro de 2020, que teve como prescrição a Resolução CNE/CP nº 02, de 22 de dezembro de 2017, que instituiu a implantação da BNCC.

⁴⁰ As vídeo aulas permanecem disponíveis em:
<https://www.youtube.com/@MULTIRIOSME/search?query=escola.rio>

dos alunos, mesmo com nossos esforços em utilizar redes sociais e produzir material impresso para distribuição nas escolas.

Recebemos pouco retorno das crianças em relação às atividades propostas, tanto as disponibilizadas virtualmente quanto aquelas entregues impressas. Alguns alunos me enviaram foto via *Facebook* da escola com atividades do Material de Complementação Escolar e as atividades remotas que nós, professoras do terceiro ano, planejávamos para as turmas. Algumas famílias reproduziram a impressão das folhas em casa e outras crianças registravam em uma folha apenas as respostas.

Figura 1 - Atividades remotas

(a) – atividade remota impressa;

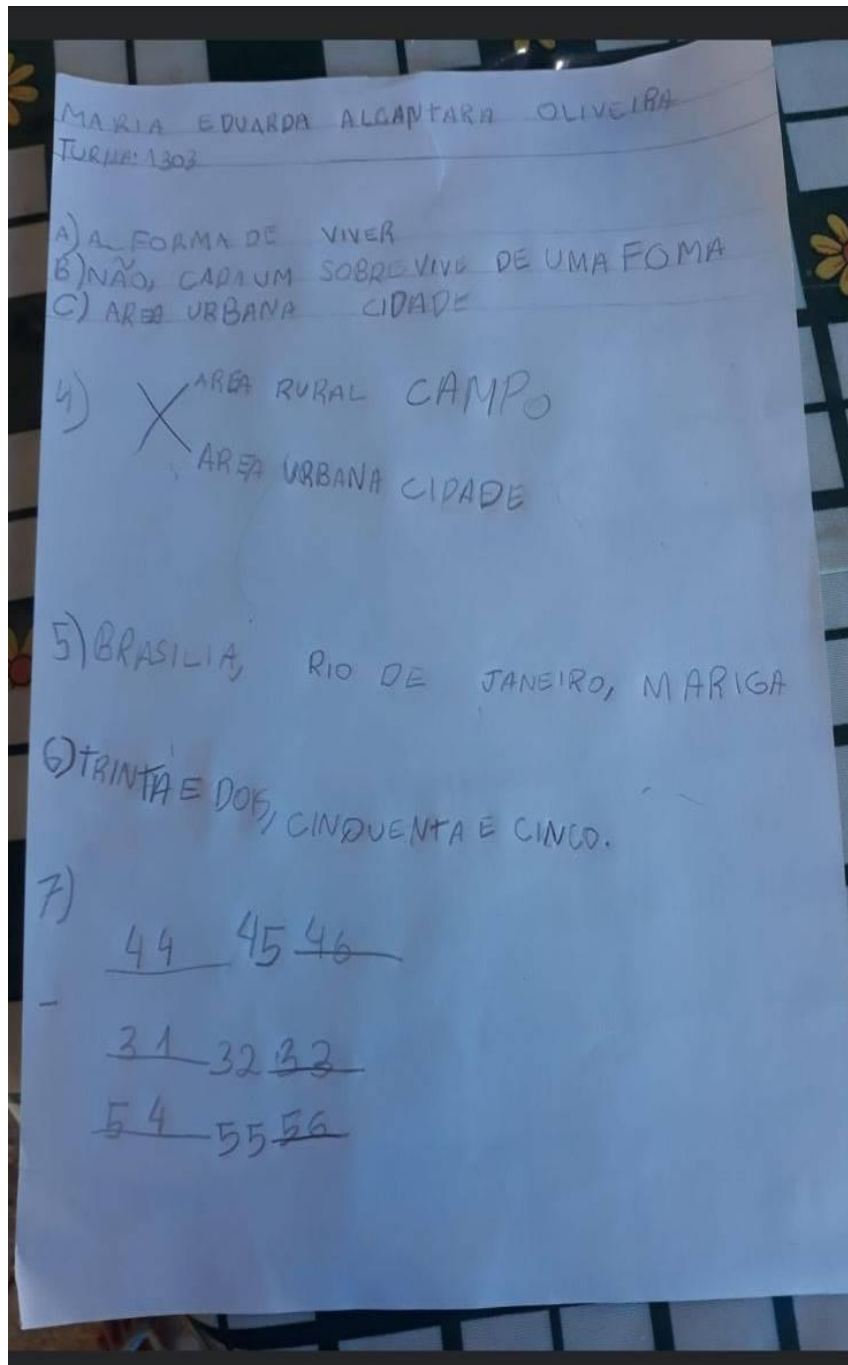
3) VOCÊ SABIA QUE EXISTEM PESSOAS QUE VIVEM EM ILHAS? SIM, HÁ PESSOAS QUE MORAM EM ILHA COMO DA NOSSA HISTÓRIA DELEITE ACIMA. TAMBÉM A PESSOAS QUE VIVEM NO CAMPO, NA PRAIA OU NA CIDADE. ENFIM EM DIVERSOS LUGARES. OBSERVE AS IMAGENS ABAIXO E RESPONDA:

A) QUAIS AS DIFERENÇAS ENTRE ESSES LUGARES?
 UMA É CIDADÃO OUTRO MAR
 B) VOCE ACHA QUE A VIDA DAS PESSOAS É IGUAL EM CADA UM DESSES LUGARES? NÃO
 C) QUAL DAS IMAGENS ILUSTRA MELHOR O LOCAL ONDE VIVEMOS?
 CIDADE E PRAIA

CORRELAIONE A IMAGEM A FIGURA:

	AREA RURAL CAMPO
	AREA URBANA CIDADE

(b) atividade remota não impressa.



Fonte: Arquivo pessoal.

Havia a opção de buscar a impressão das atividades na escola, mas não obtivemos tanta procura. Alcançar e manter contato com os alunos se mostrou um desafio imenso a ser superado. Percebemos que muitos deles não possuíam acesso à internet, não tinham dispositivos como tablets, computadores ou telefones celulares adequados para o ensino remoto. Em alguns casos, quando havia um

dispositivo disponível, ele precisava ser compartilhado entre os membros da família, o que dificultava ainda mais a participação dos estudantes.

As variáveis sobre a participação dos estudantes eram discutidas semanalmente durante as reuniões pedagógicas virtuais realizadas às sextas-feiras, organizadas por ano de escolaridade, com o propósito de planejar as atividades pedagógicas da semana seguinte. Por essa razão, justifico a minha escolha de usar o pronome na primeira pessoa do plural nos dois parágrafos anteriores.

A pandemia obteve uma abrangência global, compartilhada entre todos “o vírus não discrimina. Poderíamos dizer que ele nos trata com igualdade, nos colocando igualmente diante do risco de adoecer, perder alguém próximo e de viver em um mundo marcado por uma ameaça iminente” (Butler, 2020),⁴¹ mas o mundo em que vivemos é desigual. Essa realidade pandêmica destacou a profunda desigualdade existente em nossa sociedade, principalmente “as desigualdades raciais e econômicas ao mesmo tempo que aumentou o sentido global a respeito das nossas obrigações uns com os outros e com a Terra” (Butler, 2022 p.103).

Especialmente no âmbito da aprendizagem escolar, onde a diversidade educacional está diretamente relacionada à falta de recursos econômicos, ficou evidente que o acesso à tecnologia e à conectividade ainda é um privilégio para alguns, enquanto outros são privados dessa oportunidade, bem como da possibilidade de manter-se em isolamento social.

Diante disso, era fundamental buscar alternativas que contemplassem as diferentes realidades dos alunos, permitindo que todos tivessem condições de participar e continuar aprendendo, mesmo em um contexto de ensino remoto. Isso demandava ações mais abrangentes e políticas públicas que visassem a inclusão digital e o combate à desigualdade social na educação.

Visto que, embora muitas vezes o celular fosse utilizado de forma compartilhada no núcleo familiar, ele está presente em 93% dos domicílios brasileiros, conforme dados do *Todos pela Educação*⁴² (2020). Esse dispositivo representa a forma mais viável de acesso à escola para muitas famílias.

⁴¹ Dossiê: Coronavírus e sociedade – Blog da Boitempo.

⁴² Pesquisa Nova Técnica- Todos Pela Educação, disponível em https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf

No entanto, mesmo com a presença do celular nas residências, ficou claro que seria improvável garantir condições mínimas para a realização das atividades remotas para todas as crianças da escola. Nesse sentido, o texto "*Pensando outras gramáticas formativas e a escola em tempos de exceção*", de Maria Tereza Goulart de Tavares⁴³ (2020), publicado pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), traz contribuições relevantes:

Em quase todos os 27 estados da federação as redes públicas, através de suas secretarias municipais e estaduais, ainda não conseguiram implementar algum tipo de política sistemática de ensino a distância (EAD), que minimamente pudesse colocar os sujeitos escolares, professores e estudantes, em alguma forma de comunicação. E segundo dados do Censo Escolar de 2019, seriam 47, 9 milhões de alunos matriculados na Educação Básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) nas redes públicas e privadas de todo o país, ou seja, muitos afetados diretamente pelo contexto acima descrito. Diante do volume e do impacto desses dados e da crescente precarização nas redes públicas educacionais em todo o país, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, creio ser importante problematizar mais ainda o contexto de suspensão das aulas e o fechamento das escolas no Brasil. Segundo dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) de 2018, o telefone celular é o único meio de acesso à internet nas classes C (61%) e D (85%). E ainda, segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), 55% dos acessos móveis do país são pré-pagos. E sabe-se que boa parte dos usuários pós-pagos são clientes de "controle", que pagam uma taxa fixa mensal, mas que têm um limite, em geral, bastante restrito de tráfego de dados. Considerando a necessidade de isolamento das famílias, limitação do serviço de conexão e ampliação do uso familiar de internet, a realização de atividades intensas em tráfego de dados, como aulas, pode ficar comprometida e deixar a desejar quanto ao acesso à informação, à cultura e à educação. O acesso aos computadores, por exemplo, é um outro diferencial relevante e que reforça questões vinculadas às desigualdades de acesso à tecnologia digital no país (Tavares, 2020).

Durante o período de regime domiciliar, mesmo com toda a precariedade e falta de recursos mínimos a rede de ensino demonstrou determinação em intrusão o Currículo Carioca com princípios decorrentes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por meio dos materiais pedagógicos que estavam começando a ser produzidos pela própria secretaria, planejado por habilidades.

No meio disso, as famílias que compõem a comunidade escolar já estavam enfrentando as consequências da negligência governamental e a falta de adequação das medidas preventivas de combate à COVID-19, como comprovam as estatísticas

⁴³ Referência do trecho destacado é TAVARES, Maria Tereza Goulart de. *Pensando outras gramáticas formativas e a escola em tempos de exceção*. In: ANPED, GT 06 - Educação Popular, 2020. Disponível em <https://www.anped.org.br/news/pensando-outras-gramaticas-formativas-e-escola-em-tempos-de-excecao-colaboracao-de-texto-por> acessado em 20 de ago de 2023.

oficiais e os boletins da Organização Mundial de Saúde (OMS)⁴⁴. O Brasil enfrentava um elevado número de mortes e o crescimento de casos de contaminação nos primeiros meses de 2020. Nesse contexto, as questões específicas e locais, como fatores emocionais, psicológicos e socioeconômicos vivenciados pelas famílias cariocas, não foram abordadas de maneira satisfatória pela proposta curricular da rede de ensino.

É importante ressaltar que o enfoque na tentativa de adequação as propostas de padronização curricular via BNCC durante a pandemia por meio dos desdobramentos do Currículo Carioca demonstrou a falta de sensibilidade em lidar com as situações adversas enfrentadas pelas famílias e para adaptar o currículo às necessidades reais dos estudantes. Considerar as particularidades locais e as dificuldades enfrentadas pelas famílias no contexto da pandemia seria fundamental para garantir uma educação mais humana, inclusiva e que promovesse equidade.

Durante o período de virtualização da escola, notei uma falta de aproximação com as famílias. A equipe gestora optou por limitar o contato direto dos responsáveis com os professores, o que, por um lado, considerei positivo para evitar possíveis situações desagradáveis. No entanto, essa abordagem não favoreceu o recebimento de feedback sobre as atividades realizadas, algo fundamental no trabalho do professor, mesmo no formato remoto.

Durante essa fase, algo que me marcou profundamente foi a constante reflexão enquanto planejava as atividades. Eu me questionava sobre o bem-estar físico e emocional das crianças, pois poderiam estar enfrentando privações além do isolamento, como a falta de recursos básicos, violência doméstica ou a ausência de apoio familiar. Surgia a dúvida sobre o sentido do que eu estava fazendo, se aquelas atividades realmente beneficiavam as crianças, se tinham significado para elas ou se era apenas uma forma de justificar o meu salário.

Perguntava a mim mesma se fazia sentido priorizar uma educação escolar remota quando as condições mínimas de sobrevivência, como segurança, bem-estar e qualidade de vida, poderiam não estar sendo garantidas. Questionava-me se as crianças realmente se interessariam por esse tipo de atividade enquanto vivenciavam um contexto tão desafiador. Além disso, levava em conta as

⁴⁴ Esses dados de Atualizações epidemiológicas semanais e atualizações operacionais mensais sobre a doença de coronavírus (COVID-19) possuem acesso possível através do site da OMS: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>

preocupações dos familiares em relação ao risco de desemprego e à luta pela subsistência da família. Será que eles realmente dariam prioridade a esse tipo de atividade educativa diante de tantas preocupações e adversidades?

Essas reflexões evidenciam a necessidade de termos tido uma abordagem mais ampla e sensível durante o ensino remoto. Era importante considerar as circunstâncias individuais das famílias e assegurar que suas necessidades básicas fossem atendidas antes de esperar um engajamento pleno nas atividades escolares balizadas no desenvolvimento de habilidades. A educação deve estar alinhada com a realidade vivida pelos estudantes e suas famílias, buscando promover não apenas o aprendizado, mas também o cuidado e o bem-estar integral.

Ainda pensando sobre as estratégias tomada durante esse período faço uma relação com os versos de Drummond no poema *A Flor e a Náusea* no trecho abaixo:

Vomitar esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.
[...]" (Andrade, 2000, p.74-75)

Esse trecho de Drummond, presente no livro *A Rosa do Povo*, retrata a sensação de tédio, falta de solução de problemas e ausências na cidade. Ao correlacionar esse trecho com o contexto atual, pode-se observar algumas semelhanças e diferenças.

Um homem de meia idade vive imerso em uma rotina opressiva, onde não consegue visualizar soluções para os problemas que enfrenta. Sob o peso da disciplina e do autoritarismo da época, ele não desfruta de liberdade. No entanto, possui acesso à informação por meio da imprensa daquele período, principalmente através dos jornais, o que lhe permite fazer uma leitura do mundo, embora sem possuí-lo integralmente.

Hoje em dia, a informação está ao alcance das nossas mãos quase que instantaneamente. No entanto, nem todas as informações são confiáveis, como ficou evidente durante a pandemia com a disseminação de numerosas "fake news". Apesar de termos acesso a uma quantidade cada vez maior de informações e de forma rápida, acabamos por perdê-las rapidamente também. Temos informações de

muitas coisas, mas isso não significa necessariamente que possuímos verdadeiro conhecimento. Conforme ressaltado por Lopes e Macedo (2011, p.71), “[...] todo conhecimento é saber, mas nem todo saber é conhecimento [...]”, pois o verdadeiro conhecimento vai além do mero acúmulo de dados e informações.

Utilizar as tecnologias digitais como ferramenta para conduzir as aulas no novo formato de ensino remoto foi um desafio significativo, pois lidar com algo novo, algo que nunca havia sido feito antes, gerou muita insegurança em mim. Eu tive a oportunidade de ter uma introdução ao tema de educação e tecnologias digitais em uma disciplina durante minha graduação no longínquo ano de 2006, onde fui aluna da professora Edméa Santos na Universidade Estado do Rio de Janeiro, uma renomada pesquisadora nessa área. No entanto, percebi que muitas coisas avançaram desde então e ainda me faltavam recursos e habilidades necessárias para acompanhar o desenvolvimento das atividades no que diz respeito a essas novas tecnologias, pois muitas coisas já haviam evoluído.

Consciente dessa carência comecei a acompanhar lives com essa temática nas redes sociais, procurava artigos e livros. Dessa forma, buscava suprir as necessidades de trabalhar com as tecnologias digitais, e isso me motivou a procurar outras estratégias para me capacitar nesse contexto.

Nessa busca por capacitação, deparei-me com um texto que abordava os sete desafios propostos por Neil Postman, um teórico das mídias digitais. Esse texto, escrito por Selwyn Postman no livro "Educação e tecnologia: questões críticas", ele elevava a discussão sobre o papel da tecnologia na educação para o nível das disputas de poder, políticas e econômicas ao problematizar sete questões sendo uma delas “Que redirecionamentos de poder econômico e político podem resultar dessa nova tecnologia?” (Selwyn, 2017, p.16), voltada para as escolas. Esse enfoque despertou meu interesse e me impulsionou a buscar mais informações sobre essa atmosfera de reflexão em torno da educação.

Aventurando-me nesse tema, percebi que a minha busca na área da minha atuação profissional deveria ultrapassar as abordagens de como ensinar e os métodos de aprendizagem, especialmente diante do período adverso que vivíamos. Era necessário questionar o que contemplaria as aprendizagens das crianças e por que ensinar determinados saberes ao invés de outros, questionando as intencionalidades do que estava sendo proposto. Essa perspectiva me cativou profundamente.

Foi como se meus olhos se abrissem para um novo caminho de investigação relevante para minha atuação profissional, aproximando-me dos estudos acadêmicos na pós-graduação, mais especificamente no campo do currículo. Percebi que compreender e problematizar o currículo escolar seria fundamental para minha formação e conseqüentemente minha prática se tornaria mais significativa e alinhada com as necessidades das crianças.

Assim, reconheci a importância de atualizar minha formação como professora para acompanhar as demandas e necessidades da sociedade em constante evolução, especialmente no que diz respeito ao uso das tecnologias digitais na educação.

Eu continuo a busca pela poesia me instrumentalizando nessa empreitada da teoria curricular junto ao meu orientador, Professor Guilherme Augusto Rezende Lemos, e ao nosso grupo de pesquisa. Percebi que ir a busca desses conhecimentos, participar das leituras e das discussões foram bálsamos que não me permitiram sucumbir ao *Nosso Tempo*⁴⁵.

2.2 O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia⁴⁶

Ao tentar narrar às sensações vividas nesse momento, posso iniciar descrevendo que me senti como se estivesse em uma verdadeira corrida contra o tempo. Onde imersa em um turbilhão de emoções, com uma mistura de ansiedade e medo. À medida que o tempo passava a sensação de insegurança só aumentava, especialmente devido à exposição constante nas mídias digitais, uma condição inevitável desde o início dessa situação pandêmica.

Percebendo que não dominava as ferramentas digitais e possuía pouco conhecimento sobre o ciberespaço, senti a urgência de assimilá-los para atuar bem perante as aulas remotas. Eu me sentia como uma professora insipiente, foi então que encontrei inspiração e encorajamento no contato com a leitura que obtive por meio dos encontros da disciplina, “Produção do Conhecimento” ministrada pelo

⁴⁵ Título do poema de Carlos Drummond Andrade em *A Rosa do Povo*.

⁴⁶ Verso do poema “Procura da poesia”, Livro *A rosa do povo*. (Andrade, 2000, p. 12)

professor Walter Kohan do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), através da experiência vivida pelo personagem do professor Jacotot no livro "O Mestre Ignorante⁴⁷", de Jacques Rancière.

Jacotot defendia o uso de outras estratégias, como improvisações, para desbloquear os alunos e fortalecer sua autoconfiança. Ele acreditava que qualquer indivíduo é capaz de aprender qualquer coisa. Através da improvisação, pois ajuda a reduzir as barreiras que enfrentamos diante da imprevisibilidade que está posta (Rancière, 2002).

Vi, então, nessa inspiração um caminho possível para superar esse obstáculo, sendo como o mestre ignorante, aprendendo junto com meus alunos, sem hierarquia, algo totalmente inovador, utilizando o método da improvisação e da vontade. Conforme a história de Rancière (2002) que nos convida a pensar que, "podia-se aprender sozinho, sem mestre explicador, quando se queria, pela tensão de seu próprio desejo ou pelas contingências da situação" (p.25). Foi assim, impulsionados pela vontade de aprender, que juntos fomos desvendando improvisadamente formas de aprendizagem e ensino mediadas pelas tecnologias digitais, superando os primeiros desafios.

Na prática, isso aconteceu com muitos erros até começarmos a avançar, lembro-me que muitas vezes, no início do ensino remoto, ao tentar compartilhar a minha tela eu errava, às vezes o problema era no som, eu falava e as crianças não ouviam nada, pois o microfone estava desligado ou ao contrário o microfone deles ficavam abertos e entravam na nossa reunião ruídos da televisão ou até mesmo a conversa dos familiares ao redor. Muitas vezes eram os próprios alunos que iam me indicando os caminhos, como realizar determinadas funções.

Sinto que o nosso maior equívoco foi não ter explorado esse espaço virtual com ainda mais liberdade e improvisação. Nós improvisávamos nas estratégias e ferramentas utilizadas, mas continuávamos reproduzindo na linha de ações educativas iguais aquelas já desempenhadas na sala de aula presencial, muito ligada aos conjuntos de valores, conhecimentos e habilidades que deveriam ser ensinadas a uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de acordo com as normativas.

⁴⁷ Coleção Educação: Experiência e Sentido Jacques Rancière O mestre ignorante Cinco lições sobre a emancipação intelectual Tradução Lilian do Valle a Autêntica Belo Horizonte 2002 Disponível em: <https://archive.org/details/RANCIEREJacquesOMestrelignorante>.

Embora eu tenha encontrado motivação nessa linha estratégica para promover a aprendizagem colaborativamente, ainda havia muitos obstáculos a serem enfrentados, como a inclusão digital, que continua a se apresentar como uma barreira a ser transposta.

A busca não cessava por mais conhecimentos que pudessem contribuir com a minha autoformação. No próprio ciberespaço, por meio de tutoriais em páginas da internet, fiz cursos de extensão e uma pós-graduação lato sensu: "O Docente e o Tutor na Era Digital" pela Faculdade São Judas Tadeu em parceria com a Associação de Professores (APPAl). Essa formação foi de grande valia, pois me proporcionou o aprendizado sobre a diferença entre o Ensino Remoto, atividades síncronas, assíncronas, Ensino Híbrido, metodologias ativas, cibercultura e outras nomenclaturas que, até então, não faziam parte do meu vocabulário e não faziam sentido para mim e que aos poucos, colocando em prática fui assimilando.

Com o conhecimento adquirido, pude compreender e explorar melhor as diferentes abordagens e práticas educacionais que se tornaram essenciais durante o período de ensino remoto e após. A partir disso, pude adotar metodologias ativas mais adequadas às necessidades dos alunos, como a sala de aula invertida, promovendo uma educação mais engajadora e significativa, utilizo e indico para outras professoras ainda hoje. Além disso, aprimorei meu entendimento sobre a cibercultura e o impacto das tecnologias digitais na sociedade contemporânea.

Até aqui destaquei a minha busca autônoma por aprofundamento das aprendizagens formativas, contudo, ainda no início do período de isolamento social e suspensão temporária das aulas presenciais nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, diversas equipes, como a Gerência de Formação Continuada do Professor Regente (GFCPR), a Gerência de Fomento à Pesquisa e Avaliação Externa (GFPAE), a Escola de Formação Paulo Freire, a Coordenadoria de Ensino Fundamental e a Gerência de Ensino a Distância, em parceria com empresas como a *Microsoft Educator* e *Big Brain*, começaram a disponibilizar uma variedade de cursos de formação continuada remotamente.

De acordo com a declaração da gerência de educação por meio do seu canal digital, o objetivo dessas formações era instrumentalizar os professores com ferramentas que os auxiliassem em suas práticas educativas relacionadas às tecnologias digitais. Entre os temas oferecidos nos cursos, destacam-se: Ferramentas Digitais para o Trabalho Remoto, que buscava aprimorar o

conhecimento sobre o *Microsoft Teams* e apresentar o *Google Sala de Aula*; o curso de Alfabetização, Gestão do Conhecimento e Recursos Pedagógicos, que explorava ferramentas como *Kahoot*, *Sway* e *Forms*, além de diversos *webinários*.

No entanto, diante dessa oferta de formação na modalidade de educação online, surgiu em mim uma preocupação em relação à inclusão digital dos professores. Essa inquietação não se limitava apenas a verificar se eles possuíam as ferramentas digitais necessárias, como computador e acesso à internet, mas também se possuíam habilidades mínimas para interagir com o ciberespaço. Conforme observa (SELWYN, 2017, p. 96), tornou-se importante considerar uma formação que explorasse a relação entre tecnologia e educação, levando em conta também as emoções das pessoas ao se depararem com as tecnologias digitais em seu cotidiano. Afinal, na escola, os professores não são uma variável neutra na utilização dessas tecnologias, o que reforçou em mim a necessidade de investigar as experiências e percepções humanas nesse contexto que também contribuiu como motivação para essa pesquisa.

Enquanto eu buscava me reinventar e me capacitar diante dos desafios, decidi dar um passo adiante e me inscrevi pela primeira vez no processo seletivo do mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ - ProPEd. Com grande alegria, recebi a notícia de que fui aprovada no processo seletivo. Essa conquista representou um marco significativo para mim, pois após dez anos da conclusão da minha graduação em Pedagogia, estava retornando à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pronta para aprofundar meus conhecimentos e contribuir de forma mais ampla para o campo da educação.

Hoje, como coordenadora pedagógica na escola em que atuo, posso compartilhar com as professoras um pouco do conhecimento que adquiri ao longo desses dois anos de pandemia. Reconheço que, apesar das dificuldades enfrentadas, consegui encontrar no ciberespaço algumas ferramentas⁴⁸ que me impulsionaram em minha jornada de formação profissional e no tornar-me a mim mesma.

Buscar o conhecimento e formação pessoal foi muito importante durante a pandemia, mas as normativas desenvolvidas durante esse período também são

⁴⁸ Exemplo de ferramentas digitais que utilizo muito até os dias que correm são: *Mentimeter*, disponível em: <https://www.mentimeter.com/pt-BR> . *Padlet*, disponível em: <https://padlet.com/> e *Pickers*, disponível em: <https://get.pickers.com/>

fundamentais para a compreensão das ações e decisões que foram sendo tomadas ao longo desse caminho. Por isso, prossigo em busca da poesia compartilhando algumas experiências com as regulamentações.

2.3 Convive com teus poemas antes de descrevê-los.⁴⁹

Concomitantemente a esse período em que eu buscava me recriar e aprender a conviver com as novas normativas, a Secretaria Municipal do Rio de Janeiro também se mobilizou e reorganizou o Currículo Carioca por meio da deliberação nº 42 de 23 de setembro de 2020. Essa deliberação estabeleceu as diretrizes para as atividades presenciais e/ou não presenciais, com o objetivo de garantir o processo contínuo de ensino-aprendizagem na rede pública municipal durante o contexto da pandemia.

A deliberação foi planejada para ser implementada ao longo de um biênio (2020/2021) e teve como propósito reorganizar o Currículo Carioca, que havia sido aprovado em janeiro de 2020. Uma das principais diretrizes da reorganização foi a integração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nas unidades de aprendizagem, como descrito no segundo artigo:

A Reorganização Curricular encontra-se estruturada em Unidades de Aprendizagem, entendidas como superação do planejamento linear, contribuindo para uma proposta pedagógica interdisciplinar, relacionado aos conceitos trabalhados no período de afastamento social, a partir do material pedagógico divulgado de maneira remota pela SME/RJ e as habilidades que serão desenvolvidas em atividades escolares presenciais e/ou não presenciais” (Conselho Municipal de Educação, 2020).

Com o objetivo de enfrentar os desafios impostos pela pandemia da Covid-19, a deliberação mencionada foi elaborada com a intenção de garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. No entanto, é importante ressaltar que essa deliberação apresentou considerações de forma generalizada, sem promover um debate sobre o que é essencial para a sociedade em um contexto pandêmico. Além disso, não levou em consideração o tamanho e a diversidade da Rede Municipal de Ensino, que abrange realidades e necessidades diversas.

⁴⁹ Verso do poema *Procura da poesia* em *A rosa do povo*. (Andrade, 2000, p.13).

Segundo Lopes e Macedo (2011), o processo de elaboração de políticas curriculares que buscam estabelecer sentidos fixos está fadado ao fracasso. Uma proposta curricular que não considere as diferentes realidades vivenciadas pelas famílias brasileiras e que não se preocupe com a comunidade escolar acaba sendo excludente.

Portanto, era fundamental que as políticas curriculares fossem construídas levando em conta a diversidade e a participação ativa de todos os envolvidos no processo educacional. Atendendo às necessidades e realidades dos estudantes e suas famílias, especialmente em tempos desafiadores como os vivenciados durante a pandemia. Principalmente no que se refere ao evidente tema da exclusão.

Ao abordar a questão da exclusão escolar, destaca-se um estudo realizado em parceria entre a Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) com Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC Educação), em abril 2021⁵⁰. Esse estudo analisou o cenário da exclusão escolar no Brasil, tanto antes quanto durante a pandemia, e trouxe um alerta preocupante: existe o risco de retrocedermos duas décadas no acesso à educação das crianças no país. De forma específica, foi identificado que a faixa etária mais afetada é a de 6 a 10 anos, correspondendo aos anos iniciais do ensino fundamental.

[As] “crianças de 6 a 10 anos sem acesso à educação eram exceção no Brasil, antes da pandemia. Essa mudança observada em 2020 pode ter impactos em toda uma geração. São crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, fase de alfabetização e outras aprendizagens essenciais às demais etapas escolares. Ciclos de alfabetização incompletos podem acarretar reprovações e abandono escolar. É urgente reabrir as escolas, e mantê-las abertas, em segurança, defende Florence Bauer, representante do UNICEF no Brasil” (UNICEF, 2021).

Mais uma vez deparamo-nos com o desafio da tecnologia digital, que deveria ser uma ferramenta de inclusão educacional. No entanto, como já sabemos, a desigualdade econômica e social histórica do país tem ampliado ainda mais essa lacuna.

As normativas vigentes apresentam um discurso que sugere que as escolas têm a capacidade de suprir todas as necessidades educacionais, seguindo as orientações estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No

⁵⁰ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-de-6-10-anos-sao-mais-afetadas-pela-exclusao-escolar-na-pandemia>

entanto, as escolas enfrentam dificuldades em exercer um papel protagonista na definição das políticas curriculares e, cada vez mais, dedicam-se a atender as demandas de uma lógica educacional neoliberal de utilidade.

Então chegamos ao final desse primeiro ano pandêmico com uma baixa participação dos alunos no ensino remoto. O ano letivo de 2020 não teve retenção ou reprovação por frequência, pois estava previsto que seria estendido para o primeiro semestre do ano seguinte, conforme proposto no biênio estabelecido pela deliberação nº 42 de 23 de setembro de 2020.

2.4 Enfim a poesia?

Em janeiro de 2021, durante o período de férias, uma esperança renovada começou a surgir com a notícia das primeiras pessoas vacinadas contra a Covid-19. A profissional de saúde Dulcineia da Silva Lopes, de 59 anos, que atuava na linha de frente no Hospital Ronaldo Gazolla e Terezinha da Conceição, moradora de um abrigo desde 2015, protagonizaram um dia histórico ao receberem a vacina sob os braços do Cristo Redentor, na cidade do Rio de Janeiro. Essa importante informação foi divulgada por André Coelho, Luiz Ernesto Magalhães e Arthur Leal nessa publicação do site do jornal O Globo ⁵¹ datada de 18/01/2021:

Começou a ser escrito, nesta segunda-feira, do alto do Corcovado, aos pés do Cristo Redentor, o capítulo inicial da tão aguardada história da imunização contra a Covid-19 no Rio de Janeiro, pouco mais de dez meses após a chegada do vírus ao estado. As duas primeiras e emblemáticas doses da CoronaVac foram aplicadas por volta das 18h20, em Dulcineia da Silva Lopes, de 59 anos, e, quase que simultaneamente em Terezinha da Conceição, de 80 anos.

Mesmo diante de todos os desafios enfrentados, a notícia da vacinação trouxe um ânimo importante para o início de um novo ano. Nós professores das redes públicas, e também os das privadas, dedicamo-nos intensamente em nos capacitar rapidamente para utilizar novas ferramentas e alcançar os alunos, mantendo o vínculo com a escola mesmo no formato de ensino remoto. Além disso,

⁵¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/tecnica-de-enfermagem-idosa-de-80-anos-sao-as-primeiras-vacinadas-contracovid-19-no-rio-sob-cristo-redentor-24844033>

tivemos que lidar com tarefas domésticas adicionais que se entrelaçavam com o trabalho profissional.

Enquanto atendia minha turma de forma síncrona, por exemplo, minha filha estava ao meu lado assistindo às aulas dela. Eu precisava me desdobrar como professora e mãe, auxiliando minha filha em sua fase de pré-alfabetização, e ao mesmo tempo, ficar atenta à panela que estava no fogo para o almoço. Afinal, crianças têm suas rotinas, fome e demandas próprias. Além disso, quando o interfone tocava, geralmente era uma entrega no meio da aula, o que exigia mais uma interrupção em meio ao trabalho.

Esse período resultou um grande esgotamento físico e mental, sem mencionar o sentimento de frustração por estar em casa e não conseguir dar a devida atenção à minha família. Enfrentamos inúmeros desafios, mas, mais uma vez, os esforços dos professores e suas superações não foram reconhecidos. Pelo contrário, fomos alvo de críticas e até mesmo julgados em relação ao nosso direito às férias.

A desvalorização do profissional da educação é uma realidade cotidiana no país, reforçada cada vez mais pela implementação de modelos educativos pré-moldados que não levam em conta a complexidade e a singularidade de cada contexto escolar.

O início do ano letivo de 2021 ocorreu no formato remoto, com o objetivo de cumprir até o final do primeiro semestre o cronograma curricular estabelecido para o ano anterior. Eu continuei com uma turma de terceiro ano do ensino fundamental, a participação dos alunos aos encontros remotos, de forma sucinta, aumentou, mas ainda distante da totalidade desejada.

Paralelamente, a gestão municipal já estava empenhada em organizar e retomar os atendimentos presenciais, levando em consideração os devidos cuidados de saúde. No âmbito municipal, a Subsecretaria de Vigilância, Fiscalização Sanitária e Controle de Zoonoses, vinculada à Secretaria Municipal de Saúde, emitiu a Resolução da SMS nº 4424/2020, que traz orientações educacionais para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais durante a pandemia.

No Anexo, nos itens 28 e 30, constam as orientações específicas para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental e Médio, respectivamente. No subitem 1.2, transcrito a seguir, são apresentadas diretrizes importantes:

Manter as atividades remotas para os alunos e professores que se enquadrem nos grupos de risco da Covid-19 e para os alunos/responsáveis que não se sintam seguros em retornar às aulas presenciais (Secretaria Municipal de Saúde, 2020, p. 13).

O retorno ao ensino presencial, a priori, não foi obrigatório para os alunos, mantendo as pessoas do grupo de risco ainda remotamente e o restante do público atendido tinham a opção de escolha: voltar ao presencial ou continuar no ensino remoto. Reafirmando esta diretriz, o PARECER CNE/CP nº: 11/2020 complementa a orientação, colocando a necessidade de investimento para a sua efetiva execução:

Portanto, a possibilidade da continuidade das atividades remotas com o retorno das aulas presenciais requer grande esforço dos governos para assegurar condições de higiene e segurança nas escolas públicas, o acesso à internet aos estudantes de baixa renda, investimento na infraestrutura das escolas e na formação dos professores para o uso de novas metodologias e de tecnologias. Neste sentido, o auspicioso debate acerca da utilização dos recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST), R\$ 31 bilhões de reais para garantir internet de alta velocidade a todas as escolas públicas e acesso gratuito à internet pelos alunos mais vulneráveis representa uma grande esperança para todos os estudantes e professores brasileiros (Conselho Nacional de Educação, 2020, p. 8).

O retorno à escola após um longo período afastada do ensino presencial e com a implementação de medidas sanitárias foi uma experiência estranha. Foi necessário demonstrar resiliência e criatividade para que toda a comunidade escolar se adaptasse a essa "nova" escola que surgiu durante a pandemia. Alguns órgãos da Secretaria Municipal de Educação, como o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP) e o Programa de Saúde na Escola (PSE), em conjunto com a Secretaria de Saúde (SMS), trabalharam em colaboração para superar esses desafios e promover um ambiente acolhedor.

Seguindo as diretrizes do Parecer do Conselho Nacional de Educação, a volta às aulas exigia a previsão de acolhimento e a reorganização do espaço físico, incluindo medidas de higiene para evitar a contaminação. Além disso, era necessário identificar os alunos que não estavam participando das atividades presenciais ou remotas, a fim de implementar estratégias para combater a evasão escolar. Era claro que o retorno não seria com a presença total de alunos, pois o Conselho Nacional de Educação estabeleceu um modelo de aulas alternadas entre atividades remotas e presenciais, garantindo um número reduzido de alunos no ambiente escolar.

Além disso, o retorno às aulas presenciais deveria considerar as condições de infraestrutura das escolas e o contexto epidemiológico da cidade e de seus territórios. De acordo com o Parecer CNE/CP nº 11, era fundamental realizar uma

análise criteriosa do contexto local e coordenar ações intersetoriais envolvendo as áreas de educação, saúde e assistência social para definir os protocolos de retorno às aulas. Também era necessário adotar medidas de proteção à comunidade escolar, avaliando os benefícios e riscos associados às questões sociais e econômicas no processo de reabertura.

No dia 21 de abril de 2021, a escola começou a se encher de vida novamente, mas ainda de forma tímida. As cores e os sons retornaram, mas o toque e o contato físico ainda estavam suspensos devido à necessidade de distanciamento social. Retornamos à Escola Municipal Rosa do Povo seguindo um sistema de rodízio, em que as turmas eram divididas em grupos por semana, com um grupo participando das aulas presenciais enquanto o outro participava remotamente. Ao mesmo tempo, realizávamos buscas ativas para entrar em contato com os alunos que não estavam participando em nenhum dos dois formatos.

Logo na primeira semana, foram realizadas avaliações diagnósticas para identificar o ponto de partida das ações pedagógicas. No entanto, as estratégias para as experiências curriculares já estavam supostamente pré-definidas, como mencionado anteriormente.

Sobreviver uma pandemia e enfrentar o ano de 2021 foi desafiador. Ocorreram casos de escolas abrindo e fechando turmas de acordo com a imprevisibilidade da situação epidemiológica. A intensidade das intervenções pedagógicas aumentou, visando superar as questões emocionais e cognitivas que ficaram comprometidas em 2020, tudo isso em um novo formato de ensino híbrido.

Houve avaliações internas e externa, mas ao final, não houve retenção de aluno por conceito, apenas por infrequência. Finalizei o período letivo tentando não responsabilizar a minha performance enquanto professora, pois já têm muitos para fazer isso, com a sensação de ter feito aquilo que dava para fazer diante às circunstâncias.

O ano de 2021 foi, no imaginário coletivo, visto como um período intermediário entre o possível fim da pandemia e o encontro com um futuro incerto. E o que podemos esperar desse futuro? Será que continuaremos vivendo o famoso “novo normal”, com elementos remanescentes do passado, o que permanecerá, o eu não terá mais lugar?

Passo para a outra fase da pesquisa com essas provocações em mente e após esse momento regressivo, onde fiz um mergulho nas experiências passadas

tentando compreender como elas reverberam na construção da minha visão de mundo hoje. Concluo, provisoriamente, que talvez a poesia esteja em pensar nas projeções para o futuro, que já sabemos, não conseguimos prever, mas que de algum modo precisamos nos movimentar em direção a ele de forma a sugerir uma sociedade onde todos interajam em prol ao respeito à vida, pois todas as vidas possuem igual valor e merecem serem vividas (Butler, 2022).

3 O MEDO

Em verdade temos medo.
 Nascemos escuro.
 As existências são poucas:
 Carteiro, ditador, soldado.
 Nosso destino, incompleto.

E fomos educados para o medo.
 Cheiramos flores de medo.
 Vestimos panos de medo.
 De medo, vermelhos rios
 vadeamos.

Somos apenas uns homens
 e a natureza traiu-nos.
 Há as árvores, as fábricas,
 Doenças galopantes, fomes.
 [...]
 Assim nos criam burgueses,
 Nosso caminho: traçado.
 Por que morrer em conjunto?
 E se todos nós vivêssemos?
 (Carlos Drummond Andrade, *op.cit.* p.25)

Nesses versos do poema “O medo” em *A Rosa do povo*, o poeta identifica-se com o outro, compartilhando o mesmo sentimento dos demais seres humanos e expõe essa sensação: "Em verdade temos medo. Nascemos escuro. As existências são poucas: Carteiro, ditador, soldado. Nosso destino, incompleto" (Drummond, 2020 p. 25). É um convite a pensar sobre as nossas vidas, com o fato em que já nascemos na escuridão, inseridos nesse contexto sombrio do medo. Que é posto sobre nós e que nos condicionam e tenta limitar nossas possibilidades.

Ele utiliza os verbos em primeira pessoa do plural, inserindo-se no contexto e em seguida o pronome possessivo (nosso), que revela um destino que atinge a todos nós incluindo o próprio poeta. Ele se mostra ciente de fazer parte de uma sociedade que enfrenta sérios problemas sociais.

Sumariamente, esse poema expressa uma crítica social, na qual as pessoas vivem com o sentimento de um medo que se tornou um grande problema na

sociedade sob os moldes do sistema capitalista. Esses versos: “Assim nos criam burgueses, Nosso caminho: traçado. Por que morrer em conjunto? E se todos nós vivêssemos?”, apontam que o poeta tem consciência de sua posição social, visto que também faz parte do sistema e compartilha dos problemas que compõem seu tempo. Faz uma crítica ao sistema econômico que nos criam os burgueses e os aparatos econômicos que disseminam o medo na sociedade. Por fim, traz questionamentos sobre a morte e a vida.

O capitalismo é um sistema econômico e, ao mesmo tempo, um dispositivo que influencia e organiza nossa sociedade. Esse sistema cria um ambiente de medo relacionado à saúde e ao bem-estar, especialmente para aqueles que têm acesso limitado a recursos.

Durante a pandemia, no contexto capitalista, as pessoas experimentaram o medo da insegurança econômica, de perder seus empregos e da falta de acesso a cuidados de saúde. Além disso, muitas vezes, a saúde da economia foi colocada como prioridade em detrimento da saúde e da vida da população.

Nós fomos observados em nossas aulas remotas, *lives* e diversas atividades *on-line*. O que gerou medo de sermos observadas e avaliadas constantemente, dessa forma, influenciando o nosso comportamento em direção à conformidade com as normativas vigentes.

O medo perpassa por muitas camadas da nossa vida em sociedade, temos medo de morrer, medo de não conseguir acompanhar as mudanças tecnológicas, de sofrer qualquer tipo de discriminação ou violência, medo de viver quando preterimos o hoje em prol do amanhã, ou seja, o medo do futuro que também está intimamente ligada à educação.

Desde sempre, ouvi dos mais velhos frases como “tem que estudar para ser alguém na vida” e ‘primeiro tem que terminar os estudos’. Lembro-me saudosamente das orientações do meu pai quando eu ainda era muito pequena; ele costumava me dizer: ‘tem que estudar para, no futuro, não depender de homem algum’. Naquela época, eu não compreendia totalmente suas palavras, mas hoje entendo o cuidado e a preocupação que ele tinha por mim. Suas palavras eram carregadas de amor e inquietação, pois o medo em relação ao futuro também o afligia.

A ideia de “estudar para ser alguém na vida” atribuída à educação de um caráter particular, com um fim econômico em mente. Implica que precisamos nos preparar para o mercado de trabalho, pois seria necessário cumprir uma série de

etapas para garantir nosso espaço e utilidade no futuro. No entanto, esse futuro é incerto, e não podemos ter certeza de que chegaremos lá.

Fazer algo “só depois de terminar os estudos”, como se a conclusão da escolarização fosse etapa inicial e, posteriormente, não fosse necessário mais estudo, é irônico. Isso porque o mundo está em constante transformação, especialmente no cenário digital, onde novos aplicativos surgem a cada momento. Precisamos nos adaptar a novas tecnologias em curtos espaços de tempo, como experimentamos intensamente durante uma pandemia. Não se trata apenas de estudar, mas também de desenvolver a habilidade de aprender continuamente, o que parece ser uma condição permanente da vida cotidiana.

Por isso, ouvi atentamente o conselho do meu pai e dediquei-me ao estudo, mantendo essa prática constante ao longo do tempo. No entanto, não o faço apenas com o propósito de cumprir uma exigência futura, desencadeada pelo medo; em vez disso, entendo que a educação deve ser fundamentalmente pensada para o presente, então abraço a imprevisibilidade e a incerteza do futuro como uma oportunidade para o crescimento e a transformação.

Além disso, o medo está ligado à racionalidade governamental. Em 1979, durante suas palestras no Collège de France sobre o 'Nascimento da Biopolítica', Michel Foucault já alertava para a conexão entre o medo e o liberalismo⁵². Em uma de suas aulas, Foucault afirmou: “Enfim, observamos em todos os lugares esse estímulo ao medo do perigo, que de certa forma é a condição, o correlato psicológico e cultural interno do liberalismo. Não existe liberalismo sem a cultura do medo” (Foucault, 2008, p. 91).

Michel Foucault explicou que o “liberalismo deve ser analisado então como princípio e método de racionalização do exercício do governo - racionalização que obedece, e é essa a sua especificidade, a regra interna da economia máxima” (Foucault, 2008 p. 432). Ele sugere que o Liberalismo não é apenas uma ideologia, mas um conjunto de ideias, métodos e princípios que fundamentam e moldam a ação governamental. Uma a racionalização do exercício do governo para que fosse mais eficiente e racional nas tomadas de decisão, minimizando sua intervenção na economia e permitindo que as pessoas agissem de acordo com suas escolhas.

⁵² Para Michel Foucault o liberalismo representa uma abordagem de ver o mundo pela óptica das liberdades individuais, com a premissa que o interesse individual favorece a coletividade. E a verdade é estabelecida pelo mercado e pela economia.

Vivenciamos o acionamento de questões relacionadas às liberdades individuais em prol da saúde coletiva na pandemia com a limitação da livre circulação das pessoas, restringindo a utilização de espaços públicos, escola, universidades e privados como no artigo 4º do Decreto Nº 46973 ⁵³ de 16/03/2020 shoppings, “fechamento de “shopping center”, centro comercial e estabelecimentos congêneres”. O que impactou diretamente a economia e a prática de compra e venda do mercado.

Então, o medo da diminuição dos lucros, da competitividade, do desempenho e ainda assumir o risco da possível baixa do desempenho, em plena calamidade pública, aciona outro dispositivo de governança e controle das sociedades: o neoliberalismo⁵⁴ que está interessado em “saber como se pode regular o exercício global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado” (Foucault, 2008 p. 181).

O neoliberalismo é uma forma de governança que busca orientar o comportamento das pessoas para que sejam concebidas como empresa, como recurso de capital humano, como indivíduos empreendedores de si, ou seja, buscando seu próprio crescimento e sucesso econômico.

De acordo com Foucault a noção de medo como um projeto em relação ao neoliberalismo, que envolve a promoção de certos valores em detrimento de outros, como o individualismo extremo, a busca constante por desempenho e a competição interminável, aparece também na forma de biopoder e controle sobre a vida e a saúde da população.

Sobre a biopolítica, ao resumir suas aulas no Collège de France, Michel Foucault disse assim:

Eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças... (Foucault, 2008 p. 431).

Portanto, a Biopolítica é como um conjunto de estratégias que surgem com o liberalismo, onde o medo é uma delas, e ganham mais força com o neoliberalismo.

Visando um condicionamento de comportamento e induzir como agir a partir do medo nós somos “condicionados a experimentar sua situação, sua vida, seu

⁵³ Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391123>

⁵⁴ O neoliberalismo, diferente do liberalismo, começa a utilizar o Estado como um mecanismo possível de intervenção a favor do mercado, com a função de estabelecer sempre a condição de concorrência e fazer com o capitalismo permaneça.

presente, seu futuro como portadores de perigo. [...] Toda uma educação do perigo” (Foucault, 2008, p.90). Aliado ao mecanismo de controle disciplinar, onde a disciplina fabrica corpos submissos e dóceis “Foucault articula a biopolítica, poder e corpo (vida e morte) ao império da lei e ao Estado” (Foucault *apud* Dias, p.11, 2020).

Provocados por Foucault, essa linha de raciocínio ainda influencia também o currículo escolar, que é utilizado atualmente como uma ação voltada para o planejamento do futuro e os perigos potenciais que animam a nossa imaginação. Esses trechos de Drummond “E fomos educados para o medo. Cheiramos flores de medo. Vestimos panos de medo. De medo, vermelhos rios vadeamos.” desvelam-se bastante atuais.

Guilherme Lemos (2017, p.2), contribui também com uma crítica ao planejamento escolar voltado para o futuro:

O planejamento do futuro, de certa forma, retira a vida da escola e a separa da vida vivida. O planejamento do futuro estagna o currículo em coleção e o conhecimento em saber. O planejamento do futuro faz da escola o lugar onde se “aprende”, uma ação presente indemarcável, ilusória, que se destina a um futuro que não existe, tendo em vista um passado que quer fazer da memória interpretativa um fato. O planejamento do futuro produz uma espécie de esquizofrenia e uma ansiedade, que nos obriga a abrir mão da vida vivida em prol de uma vida que sequer sabemos se virá. O planejamento do futuro é a negação da vida, é viver para a morte.

Então passamos por 2020 e 2021, por esse sentimento aflorado, medo da doença misteriosa, da ausência do toque, do isolamento, do desemprego, da fome, das tomadas de decisão dos nossos governantes, medo da morte e medo das consequências futuras desse tempo entre parênteses.

NOSSO TEMPO

Esse é um tempo partido,
Tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,
Viajamos e nos colorimos.
(Drummond, 2000, p.29)

Nestes quatro versos iniciais do poema "Nosso tempo", encontrado em "A Rosa do povo", Drummond consegue retomar o contexto histórico de sua época: "Este é tempo de partido, tempo de homens partidos" (Drummond, 2000, p.29). Esses versos expressam a ideia de que durante os 40, o povo brasileiro estava vivendo um período de divisão, com diferentes pensamentos políticos e ideologias.

Em nosso tempo, atual, acabamos de passar por uma polarização em relação às políticas públicas e o pensamento da população. Esse cenário de “homens partidos” vem se desenvolvendo ao longo das décadas, mas ficou bastante

evidente desde o início da pandemia, com questões como a discussão sobre o uso da cloroquina e outros medicamentos para tratar a COVID-19 que foi bem polarizada. Enquanto alguns apoiavam o uso desses medicamentos com base em afirmações não comprovadas de sua eficácia, outros argumentavam que não havia evidências científicas suficientes para apoiar seu uso. Essa polarização foi acentuada com o nosso líder político incentivando a utilização desse medicamento.

A utilização de máscaras faciais e as medidas de isolamento e distanciamento social também foram pontos de divisão. Mesmo com a maciça recomendação pelo uso de máscara para prevenir a propagação do vírus, houve resistência de algumas pessoas que justificavam que isso violava o seu direito. E enquanto algumas pessoas acreditavam que o isolamento e o distanciamento social eram uma estratégia que poderia ajudar a combater a disseminação do vírus outras clamavam pela reabertura rápida dos espaços público e privados, a diminuição das restrições, pois essas medidas preventivas estavam prejudicando a economia.

Houve também muita discussão em relação a campanha de vacinação contra a Covid-19. Muitas desinformações em relação à segurança e eficácia da vacina, o que gerou divisão da população e alguns optando por não se imunizar.

Então, trazendo para os dias que correm, que pode ser imaginado como o futuro do passado pandêmico, pois o fim da pandemia foi decretado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), numa sexta-feira, dia 05 de maio de 2023 como divulgado no site g1 “fim da emergência sanitária da Covid-19 em todo o mundo”, por Jornal Nacional ⁵⁵. Ela passou, mas o medo permaneceu. Agora tememos pela defasagem de aprendizagem produzida durante esse período, enraizada por uma concepção de educação pragmática que assola nosso país.

Como exemplo, o Secretário Municipal de Educação Renan Ferreirinha, sobre as ações da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro visando mitigar essa questão disse da seguinte forma ao Jornal Extra ⁵⁶“Estamos criando programas de aceleração e apoio maior para alunos com muita defasagem, para tentar solucionar a deficiência curricular que passou a existir em 2020 e 2021”.

⁵⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/05/oms-declara-o-fim-da-emergencia-global-de-covid.ghtml>.

⁵⁶ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/prefeitura-do-rio-monta-programas-para-mitigar-deficit-educacional-deixado-pela-pandemia-25263279.html>

Foi utilizado para a rede de educação pública do Rio de Janeiro programas como Travessia⁵⁷ e o Carioca I e II⁵⁸. O primeiro abarca o período de transição do Ensino Fundamental Anos Iniciais para o Ensino Fundamental anos finais, já o segundo é voltado para os anos finais.

Na escola Municipal Rosa do Povo não houve a necessidade de incorporar nenhum dos dois projetos citados acima, por falta de público alvo para essa ação. Entretanto a escola faz uso de outros recursos disponibilizados pela rede municipal de educação após a pandemia, como o Reforço Rio com as trilhas de recomposição de aprendizagem.

O Reforço Rio compreende um conjunto coordenado de ações que incluem estratégias para melhorar o aprendizado em Alfabetização, Língua Portuguesa e Matemática, destinado a estudantes do 1º ao 9º ano.

Na Escola Municipal Rosa do Povo acontece durante o próprio turno dos estudantes, envolvendo os voluntários do Programa Tempo de Aprender e os Estagiários de 1º e 2º anos, chamados de assistentes de alfabetização.

Esse auxílio dos voluntários e estagiários acontece sempre sob a orientação do(a) professor(a) regente da turma. Buscando não perder o foco na finalidade que é a recuperação das habilidades de alfabetização, língua portuguesa e matemática ainda não desenvolvida pelos estudantes.

Já a Trilha de Recomposição de aprendizagem é mais um material didático produzido pelos professores da rede com sugestões e sequências didáticas desenvolvidas a partir das habilidades que foram verificadas como críticas após as Avaliações Diagnósticas em Rede (ADR), do bimestre anterior, que são uma das avaliações realizadas, bimestralmente, pelos alunos durante o ano letivo.

⁵⁷ O programa "Travessia" foi desenvolvido para os estudantes que, ao concluir o 5º ano do ensino fundamental I e apresentam defasagem significativa no seu progresso educacional. No ano seguinte, em vez de irem diretamente para o 6º ano padrão, esses estudantes receberão reforço acadêmico com uma abordagem pedagógica personalizada. No final do ano, a escola tomará uma decisão, com base na avaliação do desempenho do aluno, sobre se ele seguirá para o 6º ano regular ou se será direcionado para o 7º ano. Informações disponíveis em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/12583380/4345828/EDITAL_17_SUBE_TRAVESSIA.pdf

⁵⁸ Os programas "Carioca I e II" têm como objetivo abordar a lacuna educacional de estudantes mais velhos. A abordagem principal será em alunos cuja idade esteja significativamente acima da faixa etária adequada para a série em que estão matriculados. Por exemplo, um aluno de 16 anos que está cursando o 6º ano poderá se inscrever no Carioca I, um módulo que combina dois anos letivos em um único período, abrangendo, neste caso, o conteúdo do 6º e 7º anos. Da mesma forma, o Carioca II integra os conteúdos do 8º e 9º anos para atender às necessidades desses alunos mais velhos.

Desde 2022, a escola passou a ser acompanhada por um Agente de gestão para resultado de aprendizagem integrante do Projeto de Gestão dos Resultados de Aprendizagem (GRA)⁵⁹:

O Projeto de Gestão dos Resultados de Aprendizagem (GRA) visa desenvolver uma política pública de educação focada na gestão para resultados de aprendizagem, por meio de acompanhamento sistemático, com metas e indicadores definidos nos âmbitos central, regional e escolar, fortalecendo e apoiando as equipes gestoras das unidades escolares para alcançar melhor desempenho e contribuir para o fomento da equidade de ensino (Rio de Janeiro, 2022).

Ou seja, a GRA ainda não é uma política pública, é um projeto que se preocupa com a gestão eficiente do aprendizado, por meio da supervisão contínua e do estabelecimento de metas e indicadores. Com a prioridade voltada para apoiar, fortalecer e capacitar as equipes de gestão da rede, com o propósito de melhorar o desempenho de todos os estudantes da educação básica na cidade do Rio de Janeiro.

O método é organizado em etapas sequenciais, que incluem: diagnóstico, planejamento, execução, monitoramento e correção de rumos. Resumidamente o ele consiste em diagnosticar como a escola está em relação aos resultados de desempenho nas avaliações internas e externas. Algumas dessas informações são acessadas virtualmente através de sites como o do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd)⁶⁰, uma Plataforma de Avaliação e Monitoramento da Educação do Município do Rio de Janeiro.

Através dessa plataforma é possível identificar a turma, o aluno ou o componente curricular que apresenta defasagem, as habilidades críticas durante o período, entre outras informações. A partir disso é possível iniciar o planejamento da ação, propor metas, executar as ações para o alcance de melhores resultados, monitorar e rever as ações.

Em 09 de junho de 2022, com a Resolução/SME nº327,⁶¹ o secretário de educação Antoine Azevedo Lousão regulamenta a percepção da gratificação decorrente da Premiação por Resultados de Aprendizagem instituída pelo Decreto Rio nº 50863, de 26 de maio de 2022.

⁵⁹ De acordo com o edital, disponível em: https://educacao.prefeitura.rio/wp-content/uploads/sites/42/2022/04/ED.SUBAIR_SUBE_V13.pdf

⁶⁰ Disponível em: <https://avaliacaoemontoramentoriodejaneiro.caeddigital.net/#!/pagina-inicial>

⁶¹ Disponível em: <https://educacao.prefeitura.rio/wp-content/uploads/sites/42/2022/06/Resolucao-SME-No327.pdf>

Dessa forma, a GRA além de abordar a questão do desempenho educacional na rede, o projeto também incorporou um elemento de meritocracia. Promovendo a competição entre profissionais e escolas da rede por meio de premiações, mais um exemplo de mecanismo, característico de uma gestão neoliberal.

Em relação à premiação, o secretário resolve que “a gratificação será de até 100% (cem por cento) da remuneração bruta mensal individual do servidor incidente no décimo terceiro salário do ano anterior ao pagamento, excluídos quaisquer pagamentos de natureza eventual”.

Quanto aos critérios de elegibilidade do Ensino Fundamental destaque no Art. 5º:

I - Alcançar, ao menos, o Indicador de Rendimento dos Anos Iniciais definidos no anexo I desta resolução; II - Alcançar, ao menos, o Indicador de Rendimento dos Anos Finais definidos no anexo I desta resolução; III - 85% (oitenta e cinco por cento) de participação total dos alunos na Prova Rio ou 80% (oitenta por cento) de participação dos alunos na Prova Rio em todas as turmas elegíveis à prova (Secretaria Municipal de Educação, 2022).

É possível perceber que na Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro se investe ao máximo em planejamento e estratégia. Trata-se do ciclo contínuo gerado pelo neoliberalismo: o medo do passado a que não se quer voltar, o medo do presente que não se quer viver e o medo do futuro que é pura incerteza e por isso tanto planejamento.

Esse futuro imaginado, sempre planejado, permite que a compulsão por padronização curricular, por controle disciplinar e por desempenho escolar, desencadeado por uma cultura do medo, colabore para a manutenção de um tipo de mundo que não é vivível de forma comum por todos. Perpetuando as ideias de competitividade, de responsabilidade pelo próprio sucesso ou fracasso.

A pandemia passou e foi possível analisar que nas ações políticas em educação pública carioca o medo em relação ao futuro se fortaleceu e que na mudança da concepção de educação, para um novo formato que abarca a relação de interdependência entre os seres, os objetos (Butler, 2022) ainda não ganharam força suficiente para promover uma reconstrução da sociedade (Pinar, 2007).

Visto que, Judith Butler nos convoca a pensar que, dentro de uma ética interdependente, é essencial enxergarmos uns aos outros como seres conectados, em vez de apenas indivíduos isolados (Butler, 2022). Sob essa perspectiva, as relações políticas e educacionais seriam transformadas, porém, livrar-se desse

estigma individualista é um desafio. No entanto, começar a refletir sobre essas questões pode ser um caminho que favoreça a mudança.

De acordo com Butler (2022), se tivermos a pretensão de recompor o mundo e o planeta para que ele permaneça habitável e tenha condições de vida vivível para todos, nós devemos desvincular o mundo da economia de mercado que lucra com a administração da vida e da morte.

E se esse desvinculo com a economia começasse com o currículo escolar? Teríamos a possibilidade de uma política da vida em que “seria uma reflexão sobre as condições compartilhadas de vida, com o propósito de realizar uma igualdade mais radical e honrar um mandato não violento de caráter global” (Butler, 2022, p.146). Redirecionando o mundo que caminha em direção aos dias que acreditamos estarem por vir, como fazer “para que um novo imaginário emergja dos fantasmas do presente, do horizonte liminar deste mundo” ? (Butler, 2022, p.146).

São perguntas a serem respondidas, mas que ainda não foram solucionadas. Porém, foi possível identificar que os temas como - medo, neoliberalismo, biopoder e planejamento - estão intrinsecamente ligados, moldando a forma como vivemos atualmente na sociedade. Por exemplo, o medo do desemprego e do fracasso econômico, no contexto neoliberal, intensifica a competição e a busca pelo sucesso individual. Ao mesmo tempo, o medo é empregado como uma ferramenta de controle disciplinar e vigilância constante, algo valorizado pela lógica do biopoder. E a educação, por sua vez, é afetada por essa governamentalidade, operando na manutenção desse raciocínio pautado em controle e planejamento como uma tentativa de antídoto para o medo do futuro.

O temor em relação a um “futuro incerto” está também intimamente ligado aos medos que enfrentamos durante os *nossos tempos* de pandemia. Mesmo após seu término, ela deixou resíduo como a preocupação, especialmente devido ao medo de um possível déficit educacional, enfatizado pela predominância de uma visão pragmática da educação em nosso país. Evidenciando, assim, algumas características perpetuadas pelo neoliberalismo: o medo do passado que desejamos não reviver, a apreensão pelo presente que preferiríamos não viver e a ansiedade em relação a um futuro marcado por incertezas e por isso a aprendizagem escolar requer um planejamento minucioso e estratégico como resposta ao medo.

RESÍDUO - CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco.
Dos gritos gogos. Da rosa
Ficou um pouco.
(Andrade, *op.cit.* p.92)

No primeiro verso, "De tudo ficou um pouco", Carlos Drummond de Andrade nos conduz a uma jornada de reflexão e memória. De tudo aquilo o que se viveu, o que ficou afinal? Quais resíduos permaneceram?

O poeta, em um contexto pós-Segunda Guerra Mundial, apresenta como despojos de batalha, elementos fragmentados que remetem a experiências vívidas. Ele transita do âmbito pessoal, privado, explícito pelo trecho "meu medo", vai de encontro ao outro, simbolizado pelo "teu asco", e adentra um terreno ambíguo com os "gritos gogos" que parecem pertencer a todos, tornando-se públicos.

Então, novamente, surge a imagem da rosa, evocada como símbolo de esperança no poema, já citado anteriormente, "A Flor e a Náusea". Apesar de frágil, essa rosa tem o poder de atravessar o asfalto, mostrando-se como algo que persiste, um pouco de esperança que permanece mesmo nas situações mais desafiadoras.

A palavra 'resíduo', título do poema, não se refere a qualquer material, substância ou experiência descartada ou considerada indesejada após o uso. Pelo contrário, o entendimento é o de síntese – uma reunião de pequenas partes de um todo-, que permaneceram e constituem o momento atual.

Como explica Pinar (2007, p.67), o momento sintético – etimologicamente, é a junção de *syn* que significa junto; com *tithenai* que significa colocar - reentra-se no momento vivido. Portanto é a consciência da nossa própria respiração, da nossa própria alteridade personificada.

Assim, início a síntese desse trabalho autobiográfico, como “um momento de intensa interioridade” (Pinar, 2007, p. 68), seguindo a deixa do poeta Drummond de que de todas as experiências vividas durante a pandemia e no decorrer dessa pesquisa, mesmo as pequenas e efêmeras, “De tudo ficou um pouco”, mas a final o que ficou ou se transformou em mim?

Com a perda do meu amado pai, pouco importou se eu queria ser mudada, porque querendo ou não, eu mudei. Uma nova voz fez força para vir à luz na minha

escrita “cheia de proximidade que sinto em relação à morte, da consciência da minha própria mortalidade” (Adichie, 2021, p.108). Eu precisei inventar uma versão mais forte de mim mesma e com urgência, pois quem poderia prever quanto tempo eu ainda teria? Ainda mais no meio de uma pandemia?

Como seria possível eu permanecer a mesma pessoa enquanto por dentro, eu me desintegrava de forma permanente? A minha fuga foi exercitar a minha mente com o auxílio de qualquer coisa que me ajudasse a entender o que estava acontecendo e a traduzir meus sentimentos.

Fui à busca de novos conhecimentos, pois acreditava que assim conseguiria seguir firme sem sucumbir à tristeza e, de certa forma, honrar a memória do meu pai. E foi assim que iniciou a minha busca pela poesia para transformar meus sentimentos em palavras durante a escrita desse trabalho autobiográfico, onde tentei tornar essa minha vivência e aprendizado em materialidade no mundo, acionando a afirmação de Judith Butler (2020, p.160), inspirada na fenomenologia de Merleau-Ponty, e, assim como ela, eu mobilizei a noção de tocar e sofrer o toque, para descrever a minha experiência de relação com a alteridade que a pandemia presentificou.

Chimamanda Gnozi Adichie, escritora nigeriana que também experimentou a perda de seu pai no período inicial da pandemia, descreve sua experiência de luto dizendo que nesses momentos aprendemos como os pêsames que recebemos podem ser rasos e também se “aprende o quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras” (Adichie, 2021, p. 14).

Transformar a força dessa dor em algo significativo foi um dos motivos que me fizeram voltar à universidade, curiosamente, foi nesse retorno, na pós-graduação onde me senti mais confrontada e colocada fora da minha zona de conforto. Todas as vezes que para a realização dessa pesquisa eu regredi ao período pandêmico, pesquisei notas sobre o luto, eu precisei encarar a minha dor de frente, muitas vezes não consegui segurar a emoção e o choro. Entretanto, também aprendi com Judith Butler que o luto é não é apenas particular, ele pode ser coletivo e é “como uma contrapartida crítica aos pressupostos do individualismo neoliberal” (Butler, p.159).

Nossos governantes demonstraram indiferença e tentaram fazer das mortes apenas números e estatísticas, mas uma rede cooperativa de pessoas a fim de

construir memória, afeto e respeito, disse que eles são *inumeráveis*⁶², nome dado ao memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do novo coronavírus no Brasil. É uma celebração de cada vida que existiu que existe, e que estão entrelaçadas. Eu também escrevi um testemunho sobre a memória que tenho sobre o meu pai em forma de prosa que ficou eternizado, virtualmente, junto aos outros tributos nesse relicário.

Carla Rodrigues (2021, p. 64) advoga que cabe a cada um de nós pesquisadores localizar os saberes no contexto político e social brasileiro que ofereçam chaves de inteligibilidade para encontrarmos caminhos para a defesa de uma sociedade mais igualitária por meio da política pública de luto e de memória. A noção de interdependência pode ser um viés para o início dessa discussão, pois ainda para Carla Rodrigues:

A interdependência entre as vidas amplia o lugar que até então a relação com a alteridade havia ocupado na concepção do Eu como aquele que se constitui em relação com o outro. Minha vida começa antes e continua depois de mim, de tal modo que a própria noção de indivíduo autônomo fica abalada. Somos feitos e desfeitos uns pelos outros, numa rede de relações que nos antecedem, das quais dependemos mesmo sem saber, e continuamos a existir em um trabalho de luto como política de memória (Rodrigues, 2021 p. 71).

O luto vivido por mim desvelou a minha relação de interdependência com o outro, com a perda do meu pai eu não perdi apenas a pessoa em si, mas também um pedaço de mim se foi, uma vez que os vínculos que desenvolvemos com os outros são elementos fundamentais que constituem quem somos. Portanto, é impossível separar o "eu" daquilo que foi perdido, já que, na perda, uma parte de nós também se vai. Conforme apontado por Butler (2019, p. 42)⁶³. Então eu já não era mais a mesma Zeyla de antes e somando-se a isso a noção de interdependência também corpórea, explicitada pela pandemia e suas consequências na relação entre os corpos levantada por Judith Butler (2022, p. 160), como o fato de ter que evitar compartilhar superfícies, utilizar máscaras para não contaminar e não ser contaminada, eu tinha que fazer a minha parte e contava que o outro fizesse a parte dele também. Uma experiência coletiva de interdependência que foi ampliando o meu entendimento de ser no mundo.

⁶² Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. Organizado pela antropóloga Débora Diniz, ver tributo em: <https://inumeraveis.com.br/reginaldo-conceicao/>

⁶³ BUTLER, J. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Tradução Andreas Lieber. Revisão técnica Carla Rodrigues. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Somos dependentes uns dos outros também intelectualmente. Por exemplo, durante a produção desse texto autobiográfico, no decorrer da pesquisa, eu fui sendo impactada pelas vozes de diversos autores, tais como o próprio criador do método *Currere* - Willian Pinar, Michel Foucault, as pesquisadoras Judith Butler e Elizabeth Macedo, como Guilherme Lemos que me orientou e os meus colegas do grupo de pesquisa, entre outros que me ajudaram no exercício de compreender que a “autobiografia séria apenas é possível quando o indivíduo não se sente a existir fora de outros [...] mas imenso com outros, numa existência interdependente [...] onde as vidas estão tão meticulosamente enredadas” (Friedman, 1988, p.38 *apud* Pinar, 2007, p. 98). E foi mediando essas vozes e buscando traduzir as minhas impressões em uma direção específica que me permitiram chegar até aqui.

Guilherme Lemos diz que “o ponto de partida é a suposição de que tudo é linguagem, é como efeito de linguagem que nos inventamos sujeitos, é no dizer próprio de cada um que esse sujeito se revela” (Lemos, 2023, p.5). Portanto, seria então, esse olhar para mim mesma, durante o processo de autorreflexão que resulta em uma mudança perceptível tanto a mim mesma quanto aos outros. A partir do momento em que eu começo a me conhecer melhor e a divulgar aos outros, isso pode colaborar por uma reconstrução social.

Então, sem perder de vista essa contribuição com a mudança na esfera social, fui investigando primeiramente os conflitos internos que eu fui vivenciando, elaborando significados que ajudaram a me formar e paralelamente diferir de mim mesma. Pois, para Gusdorf, “o propósito da autobiografia é revelar o esforço do autobiógrafo ‘em dar o significado do seu próprio conto mítico’” (Gusdorf, 1989, p.97 *apud* Pinar, 2007, p.87).

Para Robert Graham “A autobiografia tem muito a aprender com a psicanálise” (Graham, 1989, p.101 *apud* Pinar, 2007, p 99). A teoria psicanalítica ajuda a teorizar a relação entre subjetividade e a sociedade, “entre a nossa política interior e as estruturas sociais da esfera pública” (Pinar, 2007, p.102). Isso implica uma reflexão profunda sobre as nossas motivações, desejos, medos e traumas, permitindo que compreendamos melhor o mundo ao nosso redor e que sejamos reconstrutores dessa esfera. O que reverbera no que produzimos enquanto currículo.

Pinar propõe uma visão do currículo que vai além da simples transmissão de conhecimento e conteúdo. Ele argumenta que o currículo deve ser pessoal e

significativo para os alunos, conectando-se às suas experiências de vida. Ao integrar a teoria psicanalítica no currículo, os educadores podem ajudar os alunos a explorar não apenas aspectos objetivos de conhecimento, mas também os aspectos subjetivos de suas experiências, emoções e pensamentos inconscientes. “O currículo concebido como Currere exige não só o estudo da autobiografia, da história e da teoria social, como também o estudo sério da teoria psicanalítica.” (Pinar, 2007, p.99).

Utilizo dos princípios da teoria psicanalítica num esforço de compreender as minhas ações enquanto educadora, como e o porquê escolhi trocar de função, que explico mais a frente, e o que tomei como sendo prioridades que me levaram a tais decisões.

Embora a teoria psicanalítica ligue a minha vivência interior e particular à teoria curricular, ela é tornada pública, segundo Pinar (2007, p. 103), somente a partir da noção de freudiana de “ação diferida”, que é um modo de espaçamento temporal, através do qual a aleatoriedade de um acontecimento posterior aciona a memória de um acontecimento anterior, que poderia nunca se tornar consciente, se o último acontecimento nunca ocorresse (Lukacher 1986, p.35 *apud* Pinar, 2007, p.103).

Esse último acontecimento para mim, situa-se no presente, é a minha relação com o meu ofício de educadora. Hoje permaneço atuando ativamente com as crianças, porém mais próxima dos docentes, estou desempenhando a função de coordenadora pedagógica e dessa forma consigo ter uma visão mais ampla das atividades pedagógicas executadas, das demandas solicitadas e da dinâmica da unidade escolar internamente, mas também em relação à rede de escolas da sétima CRE e do Município do Rio.

Com a capacidade de me perceber diferente de mim mesma durante o percurso, tenho conseguido detectar na escola alguns sintomas que, talvez, antes eu não conseguiria ou não estaria apta a identificar de forma consciente, como a manutenção da prescrição, a tentativa de planejar, como antídoto para o medo do futuro, que permanecem de forma muito significativa no cotidiano escolar, assim como, permanece vinculada a ideologias “com interesse comercial”, o que para Willian Pinar são fatos que exemplificam “o pesadelo que é o presente” (Pinar, 2007, p.107).

“Enquanto os acontecimentos anteriores causaram, de fato, acontecimentos posteriores, esses acontecimentos anteriores também se tornam os efeitos de acontecimentos interpretativos posteriores” (Pinar, 2007, p.104-105). A motivação de pesquisa surgiu a partir de um “evento trágico” (Sheler, 1954 *apud* Butler 2022): a pandemia e a perda de um valor significativo em minha vida, que foi a morte de meu pai. Esse evento trágico impulsionou-me a movimentar-me em busca de respostas provisórias e compreensão do que estava acontecendo no mundo. Que mundo é esse? E como estava sendo a minha ação no/com ele.

Percebo que foi preciso viver a pandemia - um tempo de isolamento social, de mais introspecção, de luto, de estudos, de reflexão - para eu entender que eu poderia ao invés de alcançar apenas uma turma, com mais ou menos 30 alunos, talvez eu pudesse contribuir um pouco mais ao compartilhar as aprendizagens que adquiri durante esse tempo, com outros colegas de profissão, visto que a “reconstrução subjetiva e social é a nossa obrigação profissional enquanto educadores” (Pinar, 2007, p.395).

Tenho encontrado algumas brechas na minha atuação profissional para propor discussão sobre o quanto somos interdependentes intelectualmente e em relação aos objetos e à natureza. Citei exemplos da pandemia trazidos por Judith Butler (2022) e Ailton Krenak (2020), nos nossos centros de estudos ao propor que as professoras pensassem suas ações pedagógicas sob o entendimento de que tudo é natureza, seres humanos não estão separados da natureza, portanto a criança também é natureza. E nos desempenhamos um papel de dependência também com ela.

Resiliência e coragem são características residuais de um período pandêmico que permanecem em mim. Tenho-me percebido como uma educadora mais engajada, buscando a experiência do currículo para além da perspectiva do Currículo Carioca da SME, que é centrado em habilidades. Busco ampliar não apenas o meu olhar, mas também o dos educadores que estão nesta jornada comigo, em direção ao entendimento de currículo que compreende a imprevisibilidade como um fruto do processo de aprendizagem, Lemos (2017).

Entretanto, o medo persiste, pois a educação escolar ainda não está preparada para lidar com os imprevistos, pelo menos não sob essa perspectiva. Ela busca prevenir-se do futuro e evitar surpresas, como evidenciado em minha narrativa, onde, mesmo diante do caos da pandemia, existia a persistência na

tentativa de determinar o que deveria ser ensinado, seja pelo Currículo Carioca ou pela Priorização Curricular. Isso representava uma tentativa de antecipar e uniformizar o que, por natureza, é imprevisível: o que será aprendido.

O medo, esse resíduo típico da educação pró-desempenho, que tem dominado o “pesadelo que é o presente”, retorna para mim, quando aparecem os gráficos das metas e a cobrança por resultados. Sinto medo quando penso na possibilidade da escola não conseguir alcançar o pré-estabelecido, mas esse medo que sinto não é por mim, pois consigo enxergar a importância do nosso trabalho fora da lógica empresarial. Porém, sinto medo pelo outro, porque para o coletivo que compõe a unidade escolar, isso soaria como um fracasso, visto que ainda estamos no início dessa “conversação complexa” sobre o currículo. (Pinar, 2007).

Acredito que além de viver o desafio da nova função, pois gosto de desafiar-me, o desejo de tentar contribuir, ao provocar meus pares a pensar uma teoria curricular, baseada nas ideias da reconceptuação curricular defendida por Willian Pinar entre outros, como possibilidade também de promover do privado ao público uma transformação na esfera social, por que não? Talvez tenha sido por isso que tive a ousadia de aceitar o convite de assumir a função de coordenadora pedagógica, na Escola Municipal Dídya Machado Forte, no Bairro da Barra da Tijuca, ou talvez seja apenas a forma como ficciono essa minha ação “diferida e descolada” de mudança de localização e de perspectiva.

Guilherme Lemos contribui com esse pensamento explanando que “o trabalho do intelectual público e privado é manter seus pés bem firmados no chão para não se afogar nas águas da autoimagem” (Lemos, 2023, p.6). “A questão concreta do eu autobiográfico não é quem sou eu? mas onde pertencço eu? A questão da identidade do eu torna-se a questão da localização do eu num mundo, uma questão de lugar” (Pinar, 2007, p. 88 *apud* Lemos, 2023, p.6).

O meu lugar continua sendo a escola e curiosamente essa, a qual me dedico atualmente, desde fevereiro de 2022, também apresenta bons desempenhos, de acordo com as metas estabelecidas anualmente pela secretaria municipal de educação. Vem colecionando os primeiros lugares nos “*rankings*” das provas externas do SAEB. Possui uma cultura de obtenção de muitas medalhas nas Olimpíadas Brasileira de Matemática (OBMEP) e Olimpíada Carioca de Matemática (OCM). Muitas professoras premiadas, algumas foram contempladas com viagens para Nova Iorque. Em 2022 a aluna Mariana Oliveira Paim da Silva conquistou,

através do seu desempenho na OBMEP, uma bolsa do programa de iniciação científica e o aluno Murilo Peres Fonseca do sexto ano ganhou uma viagem para a Disney e à Agência Espacial Americana (Nasa), pelo desempenho na 2ª OCM além de um *notebook* e um *kit* multimídia que outros alunos também conquistaram no decorrer de 2022.

Com essa curta apresentação é possível perceber o quanto é desafiador o lugar que escolhi estar, “aprisionados que estamos no individualismo e na competição, elementos operatórios do que denominamos neoliberalismo” (Lemos, 2023, p.5). É difícil disputar espaço de pensamento com essa sedutora política de premiação.

Porém, por eu estar convicta que o valor da educação “não pode ser reduzido ao desempenho dos alunos em exames padronizados” (Pinar, 2007, p.107), eu me sinto motivada em lembrar a todos envolvidos com a escola “de que a educação escolar não é um negócio, que não pode ser medida por resultados dos testes e que é demasiado importante para ser deixada a cargo quer dos políticos, quer dos pais” (Pinar, 2007 p. 106). Pois, mesmo com os bons “resultados dos testes não devemos sucumbir em espírito” (Pinar, 2007, p.106).

Se for possível “ao reconstruir a gênese complicada da má situação atual, compreender não só o presente, mas também o passado, e de certa forma espero que contribuam para repararmo-nos” (Pinar, 2007, p.105). Pois, ao trabalhar em escolas com esse perfil, marcado pelo rendimento nos testes, tem me provocado o desejo de investigar futuramente se é possível incitar uma transformação ao provocar a reflexão no corpo docente em relação à conceituação do que seja currículo vivido ao percorrer o caminho pelo exercício da autobiografia.

Quais seriam os frutos de introduzir a noção de imprevisibilidade, de interdependência e de igualdade social nos valores de uma unidade escolar onde tem enraizado a racionalidade neoliberal? Segundo Willian Pinar “este é um apelo à autocompreensão, automobilização e reconstrução social através da educação do público.” (Pinar, 2007 p.106).

No terceiro Conselho de Classe desse ano lancei a proposta temática do Projeto Pedagógico Anual da escola (PPA)⁶⁴ para 2024, aproveitando que a escola

⁶⁴ O Projeto é pedagógico e curricular elaborado pelos membros que compõe a escola, professores, funcionários, representante dos responsáveis e alunos representantes, de acordo com a necessidade ou a

fará 40 anos de existência no próximo ano, eu pedi que os professores desde o EI- educação infantil até o sexto ano se reunissem por grupamento e elaborassem sugestões de desdobramento e título para o projeto.

Dentre algumas opções foi escolhido, por votação, o seguinte título *E. M⁶⁵. Dídia - Celebrando uma jornada de 40 anos: passado, presente e futuro.* ⁶⁶ Na hora eu pensei, - olha o *Currere!* Uma oportunidade de vivenciar o método autobiográfico com os professores e alunos, pois “quando escutamos o passado, estamos em sintonia com o futuro. Então podemos compreender o presente, que podemos reconstruir” (Pinar, 2007, p.95).

Quem sabe, essa não será uma oportunidade de sozinhos e juntos participarmos de uma conversação complexa conosco e com os colegas e, talvez, conseguirmos encontrar formas de trabalhar fora dessa esfera pública dominada pelas ideais econômicos capitalistas? Isso só será possível saber ao percorrer o caminho, mas me sinto esperançosa. Eis que nasce uma flor no meio do asfalto?

Nós compomos uma escola de turno único⁶⁷, que nos permite desdobrar com tranquilidade o projeto paralelamente com a matriz curricular proposta pela SME. Creio que será lindo, quem sabe se não estará por vir, novos versos para outros poemas além da Rosa do Povo?

Esses foram os resíduos que permaneceram na minha memória, de alguém que fui, como pensamentos, sentimentos, ações que foram vestígios que me permitiram “Currere” o caminho investigando minhas escolhas e como eu estou remoldando a minha forma de agir pública e privada, me construindo, desconstruindo tornando diferente de mim mesma a cada passo. Ser um intelectual público e privado é algo muito relevante na vida de um professor segundo Willian Pinar como mostra o trecho abaixo:

O método Currere reconceptualizou o currículo de objetivos de cursos para conversação complexa consigo próprio (como um intelectual “privado”), um projecto contínuo de autocompreensão no qual cada um se mobiliza para a acção pedagógica comprometida- como intelectual privado-e-público- com os outros, na reconstrução da esfera pública (Pinar, 2007, p. 68).

Eu não me considero ainda uma intelectual, na totalidade do sentido que essa palavra emprega, mas percebo uma grande mudança em mim mesma, tanto pessoal

demanda da unidade escolar, onde os temas de investigação vão surgindo no decorrer do processo. Isso ocorre paralelamente a matriz curricular estabelecida pela SME.

⁶⁵ E. M. Lê-se : Escola Municipal

⁶⁶ E. M. Dídia lê-se: Escola Municipal Professora Dídia Machado Fortes.

⁶⁷ São sete horas de atendimento escolar de segunda-feira até sexta-feira.

quanto profissional. Até 2020 eu era a típica virginiana que acreditava na “perfeição” e sempre estar preparada, o famoso fazer tudo certinho, nada de imprevistos, tudo tinha que ser planejado. A professora com o caderno de planejamento em dia, ideias bem definidas do que fazer para cumprir o calendário pedagógico a tempo de corrigir as avaliações, lançar e outras demandas típicas do ensino fundamental. E sofria com isso, porque eu nunca conseguia manter toda a organização e cumprir fielmente o planejamento.

Hoje tenho a lucidez de entender que o currículo é vivido em meio a imprevisibilidade do cotidiano escolar e que “nós, professores, devemos ir de encontro às nossas obrigações contratuais em relação ao currículo e à instrução. Contudo, não precisamos, necessariamente, de acreditar nelas ou aceita-las acriticamente” (Pinar, 2007, p.58).

A pandemia logo de início me apresentou um grande desafio pessoal que foi o profundo pesar derivado da morte do meu pai, com isso de modo particular conheci o luto e julgo que ele seja o aprendizado mais difícil que passei ao longo dos meus 37 anos de idade. Ele não foi opcional, eu não escolhi perder alguém que amo, simplesmente aconteceu, sempre irá acontecer com as pessoas porque é da nossa vulnerável natureza.

Com a tentativa de relacionar essa vivência de enlutar-me com a educação, ousei fazer algumas aproximações ao dizer que o luto assim como o futuro é imprevisível, não dá para prever a hora que irá acontecer e, consoante ao currículo escolar, não adianta tentar se prevenir na busca de antídotos para o medo do futuro ao planejar e prescrever diversas sequências didáticas, pois, por mais que tentamos, nunca conseguiremos estar totalmente preparados para esse momento.

Só é possível saber como será nossa reação a esse evento trágico no momento que precisamos encará-lo, reaprender a viver com a nova realidade. Assim como acontece no cotidiano da sala de aula, o imprevisto se faz presente e precisamos reagir a ele, muitas vezes recalcular a rota, reajustar, refazer, seguir aprendendo.

A aprendizagem acontece no momento vivido, então não seria mais coerente pensar em uma educação para o presente? Não deveríamos nos preocupar em ajudar, hoje, nossas crianças a avançarem em seus processos de aprendizagem de acordo com as necessidades, as demandas de cada uma delas e os seus desafios a serem superado?

Estou inclinada a colocar minhas esperanças nos docentes e discentes de forma privada e pública, dialogando com o tempo histórico e o contexto social praticando a autobiografia, inspirada pelo método Currere, como uma estratégia viável para realizar essa prática curricular desvinculada do caráter utilitarista e comprometida com a mudança da sociedade.

Com o fim das restrições trazidas pela pandemia, o que ficou foram as poucas mudanças na alma das pessoas, pois permaneceram a degradação dos recursos naturais, a busca pelo acúmulo de capital, guerras entre nações, como Rússia *versus* Ucrânia e agora mais recentemente Israel *versus* o grupo islâmico Hamas no oriente médio.

No Brasil a competitividade, a desigualdade social aumentou, como disse André Salata, coordenador do estudo e do PUCRS-Data Social, ao André Catto do Jornal G1 ⁶⁸ "Os dados consolidados de 2022 confirmam uma tendência que temos acompanhado ao longo do último ano: a partir de 2022, há um crescimento grande da desigualdade, fruto da pandemia". Quais os limites dos efeitos devastadores ao aumento do abandono a precariedade de um número cada vez maior de pessoas? (Butler, 2022).

Na área da educação, ainda lidamos com as características da racionalidade neoliberal, como a busca por melhores desempenhos nas provas externas, as políticas de padronização da SME permaneceram, a insana tentativa de alinhar o currículo com o planejamento do futuro, pois como diz Ailton Krenak "Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã" (Krenak, 2020, p.7).

Eu sei que eu não estou saindo dessa experiência como entrei, busco perceber em todas as áreas da minha vida aquilo que é relevante, assim como descreve Ailton Krenak, a experiência da pandemia foi "como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa." (Krenak, 2020 p.8).

Por isso, mantenho com carinho as memórias das minhas experiências vividas na Escola Municipal Rosa do Povo, preservando laços de amizades e afetos com colegas de trabalho que passaram a fazer parte da minha vida e família.

⁶⁸ Notícia do Jornal G1 disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/04/13/aumento-da-desigualdade-10percent-mais-ricos-ganham-31-vezes-o-salario-dos-mais-pobres-nas-regioes-metropolitanas-diz-estudo.ghtml> acessado em 08/10/2023.

Continuo trocando informações, conhecimentos, dúvidas, aprendizados e ideias com elas. Existem duas frases que falamos quando nos encontramos: “uma vez Rosa, sempre Rosa”, e a outra é, “da Rosa para a vida”. Sou grata por cada uma das experiências vividas, as boas e também as ruins, ambas foram importantes na minha trajetória.

Para finalizar essa síntese eu retorno ao começo, precisamente ao título – A Rosa do Povo: um tempo entre parênteses, onde tentei sugerir uma conexão entre a obra de Drummond, a escola no contexto da pandemia, destacando que o momento de crise de saúde global é como um intervalo ou uma pausa temporária na trajetória da humanidade.

A ideia de “um tempo entre parentes” sugere que a pandemia interrompeu a continuidade habitual da vida, criando uma pausa, um momento de reflexão e, possivelmente, uma oportunidade para repensar valores, prioridades.

Finalizo com o desejo de que este trabalho contribua para inspirar mais pessoas a enfrentar o desafio de conceber o currículo como uma criação de sentido, voltado para a redução da desigualdade social e marcado pelo imprevisto e imprevisibilidade, conforme abordado por Lemos (2023). Essa é a minha contribuição esperançosa para que uma abordagem diferente de experimentar o tempo na escola se torne possível.

Aproveitem.

A ultima rosa desfolha-se.⁶⁹

(Carlos Drummond Andrade p.79).

⁶⁹ Trecho do poema: “ Anuncio da rosa”, livro A Rosa do povo de Carlos Drummond Andrade).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Tradução de The Danger of a Single Story

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. – 21ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo** (1984). São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ÁVILA, Edmilson. **Escolas públicas e particulares do RJ não terão aulas a partir de segunda-feira**. G1, O Globo, Rio de Janeiro, 13 jan. 2021.

Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/blog/edimilson-avila/noticia/2020/03/13/municipio-do-rio-vai-suspender-aulas-na-rede-publica-semana-que-vem.ghtml> Acesso em 20 de ago. de 2023.

BRASIL. Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019**. Diário Oficial da União, Brasília, 7 de fevereiro de 2020. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm Acesso em 20 de ago. de 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 10 jul. 2023.

BUTLER, Judith. O capitalismo tem seus limites. **Blog Boitempo**. Tradução de Artur Renzo. São Paulo, 20 de mar. de 2020. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/> Acesso em 20 de ago. de 2023.

BUTLER, Judith. **Que mundo é esse?: uma fenomenologia pandêmica**. Coordenação da Tradução Carla Rodrigues. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2022. Tradução de What Word is This?: A Pandemic Phenomenology (Coleção Filô Margens – Coordenação Gilson Iannini.)

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução Andreas Lieber. Revisão técnica Carla Rodrigues. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CASTRO, Marcia C.; KIM Sun; BARBERIA, Lorena; RIBEIRO, Ana Freitas; GURZENDA, Susie, RIBEIRO, Karina Braga; ABBOTT, Erin; BLOSSOM, Jeffrey; RACHE, Beatriz; SINGER, Burton H. **Padrão espaço-temporal da propagação da COVID-19 no Brasil**. *Science*, 14 de abril de 2021, Vol 372, Edição 6544 págs. 821 - 826. Disponível em <https://www.science.org/doi/10.1126/science.abh1558#body-ref-R4> Acesso em 20 de ago. de 2023.

CATTO, André. **Aumento da desigualdade**: 10% mais ricos ganham 31 vezes o salário dos mais pobres nas regiões metropolitanas, diz estudo. G1. Rio de Janeiro, 13 de abril de 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/04/13/aumento-da-desigualdade-10percent-mais-ricos-ganham-31-vezes-o-salario-dos-mais-pobres-nas-regioes-metropolitanas-diz-estudo.ghtml> Acesso em 08 de out. de 2023.

CLANDININ D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COELHO, André; MAGALHÃES, Luiz Ernesto; LEAL, Arthur **Técnica de enfermagem e idosa de 80 anos são as primeiras vacinadas contra Covid-19 no Rio, sob o Cristo Redentor**. G1, O Globo, Rio de Janeiro, 18 jan. de 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/tecnica-de-enfermagem-idosa-de-80-anos-sao-as-primeiras-vacinadas-contracovid-19-no-rio-sob-cristo-redentor-24844033> Acesso em 20 de ago. de 2023.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Rio de Janeiro). Deliberação nº 37 E/CME, em 28 de janeiro de 2020. **Aprova o currículo carioca da educação infantil e do ensino fundamental do sistema municipal de ensino do Rio de Janeiro**. Diário Oficial [do] Município do Rio de Janeiro: Nº 216, de 30/01/2020. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/10912399/4269347/DELIBERACAO37.pdf> Acesso em 20 de ago. de 2023.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Rio de Janeiro). Deliberação nº 42/2020 de 23 de setembro de 2020. **Aprova a reorganização do currículo carioca, do calendário escolar e estabelece atividades escolares presenciais e/ou não presenciais na rede pública de ensino do município do Rio de Janeiro no contexto da pandemia e dá outras providências**. Diário Oficial [do] Município do Rio de Janeiro: Nº 139, de 24/09/2020. Disponível em https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir_materia/680533/4701 Acesso em 20 de ago. de 2023.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Rio de Janeiro). Deliberação E/CME nº 39, de 02 de abril de 2020. **Orienta as instituições do sistema municipal de**

ensino do Rio de Janeiro sobre a realização de atividades escolares em regime especial domiciliar, em caráter excepcional, no período em que permanecerem em isolamento social fixado pelas autoridades municipais e pela comunidade médico-científica, em razão da necessidade de prevenção e combate ao covid-19 – coronavírus. Diário Oficial do Município, Rio de Janeiro, nº 18, de 06 de abril de 2020, p. 15. Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/10912399/4279703/DELIBERACAOECMEN39.pdf> Acesso em 20 de ago. de 2023.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasília). Parecer CNE/CP nº 11/2020, aprovado em 7 de julho de 2020. **Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia.** Diário Oficial da União de 03/08/2020. Disponível em https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECPN112020.pdf?query=AEE Acesso em 20 de ago. de 2023.

Crianças de 6 a 10 anos são as mais afetadas pela exclusão escolar na pandemia, alertam UNICEF e Cenpec Educação. **UNICEF**, 2021. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-de-6-10-anos-sao-mais-afetadas-pela-exclusao-escolar-na-pandemia> Acesso em 20 de ago. de 2023.

'E daí?'; 'Gripezinha'; 'Não sou covheiro': Relembre frases de Jair Bolsonaro sobre a covid-19. **O Dia**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2021. Disponível em <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/04/6135404-e-dai-gripezinha-nao-sou-coveiro-relembre-frases-de-jair-bolsonaro-sobre-a-covid-19.html> Acesso em 20 de ago. de 2023.

DIAS, Renato Duro. **Governamentalidade, biopolítica e vida precária: a pandemia de covid-19 no Brasil.** Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM v. 15, n. 2 / 2020 e43634. Disponível em www.ufsm.br/revistadireito Acesso em 2 de out. de 2023.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica.** 2008, Curso dado no College de France (1978-1979). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução por Eduardo Brandão, Revisão da tradução por Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Tradução de Naissance de la biopolitique (Coleção Tópicos).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 26ª ed. São Paulo Editora: Paz e Terra, 2003.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. **'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'.** G1, O Globo, Rio de Janeiro, 28 abr. 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml> Acesso em 20 de ago. de 2023.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020. E-book.

LARROSA, Jorge. **Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência**. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 2, p. 20 –28, maio/ago. 2002.

LEMOS, Guilherme Augusto Rezende. Currículo e docência: regulação e escape. in

Currículo, política e cultura: conversas entre Brasil e Portugal. MACEDO, Elizabeth; MENEZES, (orgs). Curitiba: CRV, 2019.

LEMOS, Guilherme Augusto Rezende. **A educação escolar e o imprevisto**. Hispanista – Vol XVIII – nº 69 – Abril– Mayo –Junio de 2017 Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil – Fundada en abril de 2000 ISSN 1676 – 9058 (español) ISSN 1676 – 904X (portugués). Disponível em <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/557.pdf> Acesso em 2 de out. de 2023.

LEMOS, Guilherme Augusto Rezende. **O objeto de pesquisa como temporalidade e autobiografia**. Revista e Curriculum, São Paulo, v.21, p. 1-24, 2023. Disponível em

<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/59741/41872> Acessado em 03 de nov. de 2023.

LEMOS, Guilherme Augusto Rezende; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. **Escola, pedagogia e desassossego**. Debates em Educação, Maceió, | Vol. 12, | Número Especial, 2020, DOI: 10.28998 Disponível em <file:///C:/Users/Win%2010/Downloads/10014-42886-1-PB.pdf> Acesso em 25 de jul. de 2023.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Uma alternativa às políticas curriculares centralizadas**. Roteiro vol.46, Joaçaba jan/dez 2021 Epub 8-fev-2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592021000102001 Acesso em 25 de jul. de 2023.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. Apoio: Faperj.

MACEDO, Elizabeth. **Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v. 42, n. 147, p. 716-737, set./dez. 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/GfnkdSkSTRY6TgSPLmYYz8K/?lang=pt>

Melhor carnaval de todos os tempos no Rio: mais de 10 milhões de foliões e alto índice de aprovação por parte dos turistas. Site da Prefeitura do Rio de Janeiro, 03 de mar. de 2021. Disponível em <https://prefeitura.rio/rio-acontece/melhor-carnaval->

de-todos-os-tempos-no-rio-mais-de-10-milhoes-de-folhoes-e-alto-indice-de-aprovacao-por-turistas/ Acesso em 20 de ago. de 2023.

OMS declara o fim da emergência global de Covid. G1. Jornal Nacional. Rio de Janeiro, 05 de maio de 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/05/oms-declara-o-fim-da-emergencia-global-de-covid.ghtml> Acesso em 7 de jul. de 2023.

PIMENTEL, Márcia. **A gentileza venceu a violência na E.M. Rosa do Povo.** MultiRio, Rio de Janeiro, RJ. 14 de jun. de 2017. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/12449-a-gentileza-venceu-a-viol%C3%A0ncia-na-e-m-rosa-do-povo> Acesso em 25 de jul. de 2023.

PINAR, William F. **O que é Teoria do Currículo?** Adaptação Ana Paula Barros; Sandro Pinto. Porto, Portugal: editora Porto, 2007. Tradução de What is Curriculum Theory?

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução por Lilian do Valle. Belo Horizonte, 2002. Coleção Educação: Experiência e Sentido.

RIO DE JANEIRO. Decreto nº 3806, de 26 de outubro de 1982. **Cria a Escola Municipal Rosa do Povo.** Diário Oficial da cidade do Rio de Janeiro, de 28 de outubro de 1982. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/1982/380/3806/decreto-n-3806-1982-cria-a-escola-municipal-rosa-do-povo> Acesso em 10 de nov. de 2023.

RIO DE JANEIRO. Decreto Rio nº 47263 de 17 de março de 2020. **Declara Situação de Emergência no Município do Rio de Janeiro, em face da pandemia do Coronavírus - Covid-19, e dá outras providências.** Diário Oficial do Município, Rio de Janeiro, 18 de março de 2020. Disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/documents/8822216/11086083/DECRETO_47263_2020.pdf Acesso em 20 de ago. de 2023.

RIO DE JANEIRO (RJ). **Edital de processo seletivo interno nº 26.** Rio de Janeiro, 13 de abril de 2022. Disponível em http://educacao.prefeitura.rio/wp-content/uploads/sites/42/2022/04/ED.SUBAIR_SUBE_V13.pdf Acesso em 2 de out. de 2023.

RIO DE JANEIRO. Decreto Nº 46973 de 16 de março de 2020. **Reconhece a situação de emergência na saúde pública do Estado do Rio de Janeiro em razão do contágio e adota medidas enfrentamento da propagação decorrente do novo coronavírus (COVID-19); e dá outras providências.** Diário Oficial do Estado, Rio de Janeiro, 17 de março de 2020. Disponível em:

<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391123> Acesso em 2 de out. de 2023.

RODRIGUES, Carla. **O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021. (Coleção Filô Margens – Coordenação Gilson Iannini.)

SALVÁ, Camila; DIEDRICH, Andressa. **A poesia autobiográfica de Carlos Drummond de Andrade.** Instituto Ling, 2020. Disponível em <https://institutoling.org.br/index.php/explore/a-poesia-autobiografica-de-carlos-drummond-de-andrade> Acesso em 12 de dez. de 2022.

SANTOS, Maria; MACEDO, Elizabeth. **Da responsabilidade ética do responder para que serve a escola.** Educar em Revista, Curitiba, v. 38, e85999, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/M8xXNN5XL4Hg3Lw3FfP6JZm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 25 de jul. de 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE (RIO DE JANEIRO). Resolução SMS Nº 4424 DE 03/06/2020. **Estabelece medidas de prevenção específicas para o funcionamento dos estabelecimentos e atividades que menciona e medidas necessárias à obtenção, utilização e suspensão de uso do Selo de Conformidade com as Medidas Preventivas da Covid-19.** Diário Oficial do Município, Rio de Janeiro, de 04 de Junho de 2020. Disponível em:

<https://pge.rj.gov.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=MTEyNzc%2C> Acesso em 20 de ago. de 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (RIO DE JANEIRO). Resolução SME Nº 327, DE 09 DE JUNHO DE 2022. **Regulamenta a percepção da gratificação decorrente da Premiação por Resultados de Aprendizagem instituída pelo Decreto RIO nº 50863, de 26 de maio de 2022.** Diário Oficial do Município, Rio de Janeiro, 10 de junho de 2022. Disponível em:

<https://educacao.prefeitura.rio/wp-content/uploads/sites/42/2022/06/Resolucao-SME-No327.pdf> Acesso em 2 de out. de 2023.

SOUZA, Rodrigo. **Prefeitura do Rio monta programas para mitigar o déficit educacional deixado pela pandemia.** Extra, Rio de Janeiro, 4 de nov. 2021. Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/rio/prefeitura-do-rio-monta-programas-para-mitigar-deficit-educacional-deixado-pela-pandemia-25263279.html> Acesso em 2 de out. de 2023.

ELWYN, Neil. **Educação e tecnologia: questões críticas.** Tradução por Giselle Martins dos Santos Ferreira e Marcelo Ruschel Trashel. 1ª Ed. Rio de Janeiro; SESES. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/32428203/Educa%C3%A7%C3%A3o_e_tecnologia_quest%C3%B5es_cr%C3%ADticas_de_Neil_Selwyn_ Acesso em 10 de novembro de 2023.

TAVARES, Maria Tereza Goulart de. **Pensando outras gramáticas formativas e a escola em tempos de exceção** In: ANPED, GT 06 - Educação Popular, 2020. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/pensando-outras-gramaticas-formativas-e-escola-em-tempos-de-excecao-colaboracao-de-texto-por> Acessado em 20 de ago. de 2023.

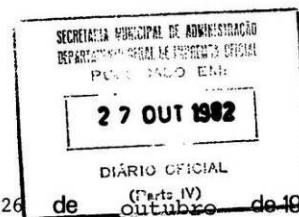
TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Análise: ensino a distância na educação básica frente à pandemia da covid-19**. São Paulo, 2020. Disponível em https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf Acesso em 20 de ago. de 2023.

WELLE, Deutsche. **China tem 1ª morte por misteriosa pneumonia viral**. G1, O Globo, Rio de Janeiro, 11 jan. 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/11/china-tem-1a-morte-por-misteriosa-pneumonia-viral.ghtml> Acesso em 20 de ago. de 2023.

ANEXO A - Decreto nº 3806 que cria a Escola Municipal Rosa do Povo em 27 de outubro de 1982.

Decreto nº 3806

de 26 de outubro de 1982.



C R I A a ESCOLA MUNICIPAL ROSA DO POVO.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO,
no uso de suas atribuições legais, e

CONSIDERANDO o propósito de homenagear o grande poeta Carlos Drummond de Andrade quando completa 80 (oitenta) anos de idade e distinguindo sua magnífica obra "A Rosa do Povo",

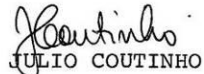
D E C R E T A :

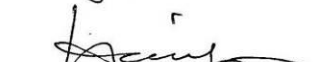
Art. 1º - Fica criada na rede oficial de estabelecimentos de ensino de 1º grau do Município do Rio de Janeiro, sob a jurisdição do E-15º Distrito de Educação e Cultura, do Departamento-Geral de Educação, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a ESCOLA MUNICIPAL ROSA DO POVO, que terá sede em lo-

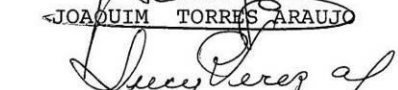
te designado no PAL 36.742, em Jacarepaguá - XVI Região Administrativa.

Art. 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1982 - 418º de Fundação da Cidade.


JULIO COUTINHO


JOAQUIM TORRES ARAUJO


LUCY SERRANO RIBEIRO VEREZA

ANEXO B – Publicação do Jornal do Brasil sobre a inauguração da Escola Municipal Rosa do Povo em 1982.

Escola Municipal recebe nome de livro de poemas em homenagem a Drummond

A *Rosa do Povo*, um dos livros de poemas mais conhecidos de Carlos Drummond de Andrade, agora também é nome de uma escola municipal em Jacarepaguá, construída pela Cooperativa do Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social — Sinpas — e inaugurada ontem de manhã pelo Prefeito Julio Coutinho. O nome foi escolhido em homenagem aos 80 anos do poeta, que não compareceu à inauguração.

A escola tem 24 salas de aulas e 14 salas especiais, três pavimentos, e custou Cr\$ 100 milhões à Cooperativa Habitacional dos Servidores do Sinpas. O Prefeito Julio Coutinho disse que ela atenderá prioritariamente aos filhos dos moradores do conjunto habitacional. Estiveram presentes também à inauguração os Secretários Municipais de Educação, Obras e Saúde, além de vários candidatos às eleições.

Inauguração apressada

A *Escola Rosa do Povo*, é a 815ª da rede municipal e fica dentro da área do conjunto habitacional dos servidores do Sinpas, na Estrada do Cafundá, 1757, e tem capacidade para 2 mil crianças. Além das salas de aula, possui teatro de arena, quadra de esportes e salas especiais, como laboratório e centro audiovisual.

O custo de Cr\$ 100 milhões, anunciado pela Prefeitura, foi acrescido, segundo Ronaldo Alves — membro da comissão de obras dos cooperativados — em 22%, para que fossem cumpridas as exigências dos órgãos municipais que fiscalizaram a construção. "Mas eles não tiveram o mesmo rigor com as obras do conjunto, tanto que tivemos que criar uma comissão de fiscalização própria", disse Paulo Werneck, síndico do condomínio.

Eles se queixaram do uso eleitoral da obra, "já que ela está sendo inaugurada antes de ter sido doada à Prefeitura". Segundo o Prefeito Julio Coutinho, "isso é apenas uma formalidade e nós precisamos atender já às 2 mil crianças que se mudaram para cá e devem concluir o ano letivo". Informado de que o prédio ainda não possui o **habite-se**, o Prefeito disse apenas que "isso é paralelo à instalação da escola".

Após o hasteamento da Bandeira Nacional, alunos da rede municipal de ensino fizeram leituras de poemas de Carlos Drummond de Andrade.